



# pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

A educação prática do pensamento

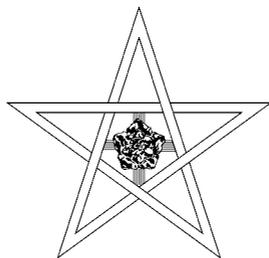
Geometria universal

*Edda*: O poder dos gigantes

Resenha de livros:

*O apocalipse da nova era*

*Abertura ou desconfiança?*

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

**Linha editorial**

P. Huis

**Redatores**

C. Bode, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,  
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I.W. van den Brul

**Redação**

Pentagram  
Maartensdijkseweg 1  
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos  
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

**Edição brasileira**

Pentagrama Publicações  
www.pentagrama.org.br

**Administração, assinaturas e vendas**

Pentagrama Publicações  
C.Postal 39 | 3.240-000 Jarinu, SP  
livros@pentagrama.org.br  
assinaturas@pentagrama.org.br  
Assinatura anual: R\$ 80,00  
Número avulso: R\$ 16,00

**Responsável pela Edição Brasileira**

M.V. Mesquita de Sousa

**Coordenação**

M.J. Versiani

**Tradução, revisão e copidesque**

M.M. Rocha Leite, L.A. Nepomuceno, C. Gomes,  
M.B. Paula Timóteo, A.C. Gonçalez Jr., D.B. dos Santos,  
J. Jesus, U.B. Schmidt, M.S. Sader, M. Mölder,  
M. Moraes, M.D.E. de Oliveira, R.D. Luz, F. Luz

**Diagramação, capa e interior**

D.B. Santos Neves

**Terceira capa**

H. Rogel

**Lectorium Rosicrucianum****Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP  
Tel. & fax: (11) 3208-8682  
www.rosacruzaurea.org.br  
info@rosacruzaurea.org.br

**Sede em Portugal**

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa  
www.rosacruzlectorium.org  
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers  
Proibida qualquer reprodução sem  
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

## Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

# pentagrama

ano 33 número 2 2011



Um interesse vivo, sincero e caloroso pela Gnosis não se origina da natureza comum: é isso o que lemos no primeiro artigo deste número – *A educação prática do pensamento*. Mas como será que chegam até nós esses pensamentos e sentimentos completamente diferentes, não dialéticos? Eles só podem vir de fora de nós! Eles vêm de nossos desejos e interesses por tudo o que se relaciona a esse outro plano de existência, onde o homem liberto, o homem verdadeiro, respira e vive: onde a qualidade atmosférica da nova vida, o amor, substitui o instinto de conservação e de defesa que cresce dentro de nós, por assim dizer, a cada respiração. A revista **Pentagrama** deseja informar sobre essas ideias que encontramos na literatura mundial e são as mesmas de todos os buscadores; os aspectos do comportamento que correspondem a elas – como trata o artigo *abertura ou desconfiança*; e também sobre a pureza do pensamento, que é capaz de ser fortemente estimulada pelo conhecimento das qualidades universais dos números.

## sumário

- as maravilhosas possibilidades do cérebro humano
  - a educação prática do pensamento 2
  - j. van rijckenborgh*
- algumas reflexões sobre encontros
- abertura ou desconfiança? 10
- geometria universal
  - será que ainda existe algo sagrado? 14
- os números contam a história da vida 19
- edda
  - o poder dos gigantes 37
- resenha de livros
  - o apocalipse da nova era 40

Na atmosfera, o buscador ouve o chamado de seu coração, de sua alma e de seu espírito que se abrem para os maravilhosos mistérios ocultos por detrás da muralha da personalidade. (aquarela sobre papel, © H. Schäfer, 1977)

# a educação prática do pensamento

*J. van Rijckenborgh*

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea afirma que os valores éticos e morais decorrem naturalmente quando existe um grande desejo no coração de participar do campo de consciência puro e radiante do mundo das almas viventes. Ao mesmo tempo, a Escola é, com relação a isso, extremamente prática. No artigo abaixo, o grão-mestre oferece indicações práticas que auxiliam a necessária autoeducação do pensamento.

O cérebro humano, esse agrupamento de células cerebrais, possui muitas faculdades maravilhosas – entre elas, a da memória. Todas as células cerebrais possuem a capacidade de recolher e conservar determinadas impressões e, às vezes, recolher simultaneamente impressões de natureza muito diferentes. Isso vale, de modo particular, para o centro da memória. A medida e a natureza dessa receptividade às impressões dependem inteiramente das características e direcionamentos pessoais. Quando um grupo de alunos está reunido em um serviço templário, é certo que nem todos ouvem da mesma maneira e que também não acolhem igualmente as impressões desse serviço, de modo que, em seu decorrer, não estão igualmente sintonizados. Seria desejável, mas, em seu atual estado de ser, isso ainda não é possível.

Verificamos, portanto, que sua receptividade às impressões depende de sua natureza e orientação pessoais, ao passo que estas dependem do estado do sistema magnético – a *lípica*. Por *lípica* entendemos a rede de pontos magnéticos que se encontra no sétimo círculo do ser aural

– rede essa vivificada pelo nascimento natural. Essa rede magnética, na qual estão presentes todas as influências cármicas, projeta-se no cérebro, grava-se nele e mantém as células cerebrais em determinada condição. Ela se projeta não apenas para o interior, mas também para o exterior, na esfera astral. Existe, portanto, íntimo parentesco, uma ligação firme, entre os vários aspectos e forças da esfera astral, por um lado, e a personalidade humana, por outro. O sistema magnético, por um lado, está em ligação com a esfera astral e, por outro, com o cérebro.

Além disso, no santuário da cabeça arde um fogo, uma chama: é a flama da mente, do pensamento inferior, do pensamento cerebral comum. Essa flama manifesta-se mediante sete focos que se encontram nos sete ventrículos cerebrais. Assim, quando adulta, a personalidade humana possui uma mentalidade em completa harmonia com a natureza das células cerebrais, com a *lípica*, com o sistema magnético e com a esfera astral da natureza comum. A mentalidade natural está, portanto, em total equilíbrio com todo o estado da esfera astral da natureza



*J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, descrevem e comentam o caminho que leva à libertação da alma com base em textos originais da Doutrina Universal, tais como o Corpus Hermeticum.*



**Flor ornamental sobre mosaico de parede (Yazd, Irã)**

comum, mortal. Pode-se dizer que a esfera astral da natureza mortal e, em particular, alguns de seus aspectos, forças ou éons, controlam o pensamento humano.

Por conseguinte, quando a personalidade humana fica dividida pelo sono, e o corpo astral e a faculdade mental permanecem na região astral, o desenrolar normal das coisas é que as células cerebrais fiquem perfeitamente carregadas e harmonizadas com as forças e influências relacionadas ao estado de ser da pessoa. Trata-se, pois, de um processo natural, porque no decorrer da vida diurna todas as células cerebrais são carregadas com todas as inclinações da referida pessoa, fortemente concentradas na memória.

No santuário da cabeça, além da mente, também se encontra a faculdade da vontade humana. No centro da vontade encontramos igualmente forte concentração de radiações astrais que também brilham como um fogo. Por conseguinte, na cabeça ardem dois fogos: a flama do pensamento e a flama da vontade, ambas provenientes do campo astral, que é o campo das radiações siderais. Em uma pessoa normal, o pensamento surge antes da vontade ou do desejo. O pensamento sempre antecede o desejo. O pensamento age, então, sobre as células cerebrais, e a resultante agitação dessas células atua novamente sobre o órgão em que reside a vontade. É assim que a vontade ou o desejo desperta para a ação ou a não ação. Portanto, é sempre o pensamento que desencadeia nosso desejo ou nossa vontade. É por isso

que a Doutrina Universal adverte seriamente a todos os candidatos da senda: “Cinco minutos de pensar irrefletido podem anular um trabalho de cinco anos”.

**PENSAR A ESMO** Essas palavras são fáceis de memorizar e nelas não falta nenhuma clareza. Cada um precisa vigiar seus pensamentos. Pensamentos errôneos devem ser eliminados antes que o desejo se inicie. Às vezes o aluno percebe que o fogo do desejo ou da vontade se está acendendo dentro dele, levando-o a agir de forma lamentável, e sente grande repugnância pelo fato de ter sido envolvido por esse fogo. Mas o pensamento precedeu o desejo. Por isso, é preciso que o pensamento errôneo seja eliminado antes que o desejo possa ser aniquilado. Antes que transformações essenciais possam ocorrer no sistema dos que se esforçam por elevar-se, o pensamento deve ser modificado. Não se pode dizer que o homem médio consiga controlar seus pensamentos. Ele só consegue deixar fluir seus pensamentos livremente. Quem é “ele”? É o ser-eu, que habita o sistema fígado-baço. Esse ser-eu que vive dentro do aluno e só pensa a esmo. Seus pensamentos estão em perfeita harmonia com suas tendências naturais e determinam sua vontade, seu desejo e sua ação – portanto, seu estado sanguíneo e todo o seu estado de ser. Por meio da mentalidade, a personalidade é completamente dirigida por influências astrais e mantida em determinado estado de ser. Quem não tem controle sobre os seus pensamentos, quem não pode modificar

## Primeiro, é necessário fazer calar nosso falso modo de pensar antes de podermos aniquilar nossos desejos

completamente seu modo de pensar, não deve, portanto, achar que é verdadeiramente um aluno da Escola Espiritual.

Por exemplo: sentados no templo, os alunos ainda continuam a ter os mais variados e estranhos pensamentos. Se houvesse um equipamento para captar esses pensamentos e reproduzi-los, poderiam ouvir tudo o que estavam pensando desde o momento em que entraram no templo, o que pensaram em geral e em particular sobre seus colegas e, ainda, tudo o que deixaram fluir como lampejos de pensamento. Essa engrenagem dentro de sua cabeça sempre está girando – e sem nenhum controle por parte dos alunos. Por isso dizemos: quem não controla seus pensamentos, quem não pode mudar completamente sua mentalidade, não deve pensar que é verdadeiramente um aluno da Escola Espiritual.

Quando os alunos estão no templo com essa diversidade de pensamentos que se explicam totalmente pelo seu estado de ser natural, permanecendo juntos de maneira aparentemente tão amistosa, estão causando um redemoinho desordenado de radiações astrais. Afinal, seus pensamentos vêm da esfera astral comum. E é nesse caos de redemoinhos astrais, dentro dessas violentas tempestades astrais, que o trabalho precisa ser realizado! Fica claro então o quanto

são extremamente fatais os hábitos intelectuais burgueses?

Na verdade, não somos nada educados. Ao contrário: somos extremamente sem educação e, em essência, ainda somos iguais ao homem das cavernas, ao homem dos tempos primitivos. Sim, nós nos vestimos conforme a moda manda. Em todas as situações, assumimos a atitude que alguém estabeleceu. Aparentamos ter a melhor das boas intenções, mas geralmente a limpeza mental, a pureza de pensamentos quase nunca está presente.

Há muito que pensar sobre isso – e estamos considerando aqui unicamente alguns aspectos relacionados ao assunto de que nos ocupamos. Conseqüentemente, indagamos: “Como poderemos proteger nosso sistema, tão bem e tão depressa quanto possível, das influências da esfera astral da dialética?” e “Como poderemos, tão bem e tão depressa quanto possível, alcançar o raio de ação do novo campo astral?”

**GNOSIS, UMA QUESTÃO VITAL** Quando assim falamos, os alunos precisam prestar atenção às suas reações. Será que nossas palavras significam apenas uma realidade teórica em relação à qual eles ficam indiferentes ou existe profundo interesse interior quando tratamos desse assunto? Se for assim, eles sentirão elevar-se, com



## Um interesse vivo, sincero e caloroso pela Gnosis não se origina da natureza comum

grande calor, um desejo íntimo de entrar em ligação com o novo campo de vida. Que isso possa logo tornar-se realidade! Mas alguém também pode achar que é bem interessante conhecer mais sobre a natureza e sobre as consequências de permanecer em outra esfera – se esse for o caso, tal aluno entendeu nossa exposição como objeto de estudo puramente científico. Com isso ele provou, de fato, que ainda não se desenvolveu nenhuma mudança em seu estado de ser.

Já explicamos como é que a esfera astral de todos nós, a rede de pontos magnéticos do ser aural, o cérebro, a mente, a vontade, o desejo, o sangue, o corpo e a vida formam um todo absoluto. Vimos como eles formam o campo para uma série de processos que se articulam, que funcionam como um conjunto de engrenagens de um organismo. Por isso, é extremamente necessário que cada um irrompa nesse organismo para dar outra orientação à sua própria natureza. Se todos estão ardorosamente

interessados na questão de ingressar no novo campo astral para participar dessa maravilhosa vida astral divina, se isso provoca profundo anseio, é sinal de que o estado de ser de cada um é muito promissor.

Por quê? Porque, quando um interesse ardente pela Gnosis e pela santificação à qual ela conduz parte de pensamentos como esses, quando há o anseio de participar do novo campo astral e uma atividade da vontade já estiver ligada a esse desejo, ainda que fracamente, esses pensamentos e ações da vontade com certeza já não se originam do estado natural comum. Nesse caso, são influências de natureza evidentemente não dialética. E isso é maravilhoso!

Acabamos de mostrar como é que a esfera astral amarra todo o ser humano e suas atividades; como todos, começando pela vida mental, são prisioneiros na natureza da morte. Portanto, como é possível que os seus desejos e pensamentos possam voltar-se para a Gnosis? Sentimos o quanto essa pergunta é vital? Que é uma questão vital refletir sobre as coisas da vida gnóstica? É por isso que dirigimos a atenção para isso, com muita ênfase.

**FAZER DA CONSCIÊNCIA UMA CONSCIÊNCIA DO CORAÇÃO** Como dissemos, um interesse vivo, real e caloroso pela Gnosis não se origina da natureza comum. Afinal, o estado natural comum está sob o governo da natureza da morte. Mas, como será que aparecem dentro de cada aluno esses outros pensamentos e sentimentos não dialéticos? Eles só podem ter chegado até esses

buscadores a partir de fora. Irromperam em seu sistema e, desse modo, deram nova orientação a seus pensamentos. Se um aluno reconhece que está nesse estado que acabamos de expor, é porque já está elevando a consciência do sistema fígado-baço ao coração – e somente semelhante consciência é capaz de acolher influências gnósticas no sistema. Em consequência disso, o coração abre-se para as radiações gnósticas. Elas se misturam ao sangue, penetram no santuário da cabeça pelo sangue e exercem notável influência sobre a mente, de modo que surgem pensamentos que não correspondem à linha horizontal da vida comum. Dessa maneira, a Gnosis irrompe no sistema humano e confere-lhe uma nova faculdade. No início, talvez seja apenas como um lampejo de pensamento. Por meio dele, parte do aluno um impulso da vontade, um impulso do desejo, para apreender a santificação que está encerrada na Gnosis. Quando, desse modo, a Gnosis irromper no aluno, quando nele forem despertados pensamentos que não nasceram do carma, da lípica da esfera astral ou do sangue oriundo da natureza, mas sim de Deus, então ele poderá ouvir, imediatamente, a voz da alma. Ou, na linguagem mística: “ouvir a voz de Deus”. Então, ele estará ligado ao novo campo astral, à corrente universal gnóstica.

Agora, ele pode verificar se possui alguma coisa disso tudo. Em caso afirmativo, pode alegrar-se conosco: é porque já possui a chave do caminho nas próprias mãos, no próprio sistema. Com essa nova faculdade o aluno poderá, por exemplo, fazer cessar velhos pensamentos que se elevam do

## O caminho da autolibertação: purificação dos pensamentos, perfeita veracidade do pensar

eu natural e dar uma orientação completamente diferente a eles, em sintonia com as exigências da senda.

Se não conseguir fazer isso, sem dúvida ele poderá até aceitar intelectualmente o que dizemos e talvez fazer exposições sobre isso com exatidão – mas não há proveito algum nisso, pois nada estará mudado dentro dele. É preciso que ele utilize imediatamente essa nova faculdade, mesmo que seja apenas um pequenino início, a fim de atacar sua maneira de pensar, para dar outro direcionamento a seus pensamentos. E, se for bem sucedidos, conseguirá controlar sua vontade, seus desejos e suas cobiças, pois, como já dissemos várias vezes: o pensamento antecede o querer. Desse modo, conseguirá também o controle sobre seus atos, em harmonia com as exigências dessas novas e maravilhosas influências em sua vida. É preciso que cada aluno comece a autossantificação, a autolibertação, a senda da santificação, a partir de sua vida de pensamentos. Quem ainda não estiver em condição de fazer isso deve esperar até que a consciência seja elevada do sistema fígado-baço ao coração. Contudo, se ele possuir essa nova faculdade, mas não a utilizar, estará corrompendo o processo de seu discipulado.

**NOSSA EDUCAÇÃO INTELECTUAL** Portanto, lembremos sempre da advertência dos grandes:

cinco minutos de pensar irrefletido, cinco minutos de pensamentos extremamente sem amor, pensamentos cheios de crítica, inveja, ódio etc., destroem totalmente os resultados que obtivemos por meio de nossos esforços no caminho! Por isso, uma educação bem prática do pensamento é necessidade premente para todos os que desejam trilhar a senda. Essa é a educação intelectual a que todos precisam submeter-se na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. O caminho da autolibertação é este: purificação dos pensamentos, perfeita veracidade do pensar. Reconhecemos o imenso significado disso? É assim que precisa ser iniciada a autorrevolução de cada aluno. Quem inicia a purificação de seus pensamentos rompe os laços entre o sistema da personalidade e a lípica e, consequentemente, com a esfera astral. Esses laços fazem do aluno verdadeira marionete, pois fazem com que ele aja de acordo com os impulsos que partem da esfera astral. Quando, na força da Gnosis que irrompeu em seu interior, o aluno começar a modificar sua mentalidade, ele conseguirá livrar-se dessa fatídica influência. Nesse meio tempo, o coração vai-se abrindo cada vez mais. A cada dia ele distancia-se mais e mais da natureza da morte e de sua esfera astral, e as forças gnósticas penetra em seu sistema em grandes ondas. Em consequência

disso, a nova faculdade vai crescendo em força praticamente de hora em hora, e o aluno vai trabalhando para a transfiguração do corpo astral com grande rapidez, mediante esse autossacrifício. Assim, ele já estará diante de um começo totalmente novo!

É preciso refletir mais uma vez e verificar: “Será que realmente existe em mim esse anseio profundo de aproximar-me da Gnosis e ingressar na nova vida? Será que esse anseio é autêntico?” Se a resposta é um seguro “Sim!”, é sinal de que ele já entrou no novo começo, já ganhou essa nova faculdade. Resta apenas empregá-la coerentemente. Só então ele poderá, com razão e êxito, falar sobre a vida da alma no novo campo astral.

**CONTINUANDO A SER PRÁTICOS** Tentamos mostrar como o começo do processo está totalmente nas próprias mãos do aluno. Então, ele deverá partir como ser-alma para esse novo começo! E então poderá, de fato, com grande êxito, continuar a falar sobre a esperada magnificência no novo campo astral.

Por fim, ainda diremos o seguinte: não é necessário que o aluno se inquiete com sonhos de natureza dialética. São sonhos que fazem pensar que ele não está participando da nova vida astral durante as horas de sono. Ele deve afastar essa preocupação, pois muitos sonhos (para não dizer todos eles) são consequência de descargas das células cerebrais durante as horas noturnas – principalmente do centro da memória. Por exemplo: durante o dia, ao refletir sobre certos

assuntos, as pessoas fantasiavam animadamente e deixam-se levar mentalmente – então, as células cerebrais carregam-se com muitas forças. Quando o corpo dorme, à noite, as células cerebrais descarregam-se novamente e originam sonhos que são extremamente emaranhados e fragmentados, relacionados à vida diurna. Outro exemplo: é possível que durante o dia alguém tenha tido muito o que fazer e, por sua posição social, esteve envolvido com muitas obrigações, de modo que foi dormir completamente exausto. As células cerebrais estão muito carregadas, e à noite descarregam-se, causando, como efeito secundário, vários sonhos. Portanto, não é preciso preocupar-se demasiado com isso. Não se deve dar atenção aos sonhos, mesmo quando eles parecem ser extremamente importantes. Que eles fiquem encerrados no silêncio do próprio ser, e logo ficará evidente o que se deve pensar e esperar deles ☸

**Fontes:**

Rijckenborgh, J. van. *A Gnosis original egípcia*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006. t. I.

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENCONTRO CONSIGO MESMO



# abertura ou desconfiança?

O ser humano está sempre inquieto com sua sobrevivência. E esse instinto de conservação muitas vezes faz com que ele desconfie de tudo aquilo com que estabelece contato. Então ele se pergunta: Devo fugir? Devo defender-me? Devo adotar essa ou aquela atitude para impor-me? Mostrar que sou o mais forte? Devo retrair-me como um caramujo? Devo acirrar minhas defesas?

**T**odos esses comportamentos instintivos, que se manifestam tão logo se apresenta uma nova experiência, são reações do “ego”, que precisa aprender e desenvolver certa estratégia de sobrevivência para não ser prejudicado – enfim, para sobreviver, de uma forma ou de outra.

Como sinal de respeito e confiança, o cavaleiro da Idade Média levantava a viseira de seu elmo, e todos conheciam o significado desse gesto, hábito que se conservou até o século passado, quando os homens ainda usavam chapéu. Ao passar por alguém, tiravam o chapéu ou apenas tocavam a aba, como uma forma de cumprimento. Também faziam isso como sinal de boa educação, para apaziguar temores e desconfianças. É assim que vamos ao encontro de nosso semelhante, para externar sinal de confiança e respeito.

Diante de qualquer imprevisto, não fiquemos desconcertados. Por que ficar paralisado, absorvido, quando de repente nos vemos diante de um esquilo, olhos nos olhos, ou apenas percebemos o reflexo de luz nas penas de um beija-flor?

**O verdadeiro encontro é um conhecimento, um reconhecimento do divino original em tudo o que vive. Esse encontro exige atenção, vigilância e abertura: ele é o óleo nas lâmpadas das “virgens sábias” enquanto que as “virgens néscias”, por não terem óleo em suas lâmpadas, não podem responder ao chamado.**

(Aquarela de William Blake, Parábola das virgens sábias e das virgens néscias, por volta de 1803-1805)

Dois mundos se encontraram: o reino animal e o reino humano. Este último sempre tem a possibilidade de refletir sobre o que vê. E, quando nosso olhar recai, por acaso, em determinada planta ou em um cogumelo raro, ou mesmo quando contemplamos uma árvore magnífica e majestosa, isso pode tocar-nos, emocionar-nos e dar-nos alegria e satisfação.

É nessas horas que reagimos com base em nosso interior: abrimo-nos para o mundo vegetal, que tem particularidades tão interessantes. Ao escalar uma montanha, vemos lá de cima o caminho que percorremos desde o início da escalada. Então, a vida pode ganhar uma beleza de tirar o fôlego, e é bem possível que fiquemos profundamente tocados pela impressão que esse reencontro com a natureza nos causou.

Da mesma forma, podemos ser tocados por um texto que nos sensibiliza. Mergulhamos nele e dizemos: “Isto é realmente especial – parece que foi escrito para mim!” É aí que acontece um encontro entre nós e o autor.

Naturalmente o mesmo ocorre com uma pintura, um trecho de música, uma dança, um monumento. Tudo pode oferecer maravilhosas possibilidades de encontros muito interessantes.

**A QUALIDADE DO ENCONTRO** Em todos os casos acontece a mesma coisa: não precisamos desconfiar de nosso semelhante. Podemos abrir o coração sem nenhuma reserva. Por alguns instantes, podemos deixar-nos absorver pela beleza e deixar que nosso coração seja tocado. Qualquer pessoa pode falar o mesmo sobre

## Nosso verdadeiro “eu”, em sua origem, era algo bem pequeno, como um princípio resplandecente e precioso, capaz de desenvolver-se indefinidamente, diziam os sufis

experiências que já vivenciou. Nesses momentos é como se recebêssemos o sinal da grandeza da criação e da grandeza de ter herdado a condição de estar vivo, e o coração fica pleno de alegria, humildade e gratidão por essa experiência.

Como seria valioso poder ir ao encontro de nosso semelhante, todos os dias, com a mesma abertura, sem rodeios, sentindo a beleza da criação e da alma! Quando nos abrimos para os que estão à nossa volta e nos deixamos tocar no coração, como avaliamos esse encontro? Ao ouvir a voz do coração, damo-nos conta de que não podemos ir ao encontro de absolutamente nada nem ninguém com o nosso “ego”. Entre muitos significados, alguns dicionários definem *encontro* como: “Ir em direção a outra pessoa a fim de conseguir compreensão de ambas as partes”. Essa definição revela o objetivo do encontro: a compreensão mútua. Trata-se da tentativa de compreender o próximo, de saber quem ele é, o que ele quer dizer, como se expressa, qual sua vontade e por quê. E, quando essa compreensão de ambas as partes se apresenta, ela é a consequência pura e simples da qualidade do encontro.

O VERDADEIRO “SER”, INFINITAMENTE GRANDE  
Vários pensadores pesquisaram se o sufismo foi

um ramo esotérico ou secreto do Islã, porque revelava a existência de um caminho de retorno mesmo antes da fundação dessa religião. É um caminho tão antigo quanto a humanidade e está no âmago de todas as religiões que se foram sucedendo na História.

O sufismo remonta a um passado longínquo. Há séculos, os sufis discutiam sobre a evolução, a estrutura do átomo, as leis psicológicas – coisas que o mundo ocidental considera como descobertas suas. Os sufis também falam de um “eu” dominante, uma personalidade enganadora que, de fato, é nosso pior inimigo, e que é preciso reconhecer tudo isso para colocar-se a caminho e, por fim, reencontrar a suprema sabedoria. Nosso verdadeiro “eu”, em sua origem, era algo bem pequeno, como um princípio resplandecente e precioso, capaz de desenvolver-se indefinidamente, diziam os sufis. Nessa afirmação, os rosa-cruzes encontraram um ponto básico universal. Trata-se da “pérola preciosa” da história contada por Mani, ou do “tesouro escondido em um campo” descrito na parábola no Evangelho de Mateus. Muitas dessas citações se encontram no plano simbólico. Em *Parsifal* vemos que todos esses achados devem conduzir-nos ao trabalho de construção do verdadeiro homem, como nos mostra Benita Kleiberg em *Parsifal e a busca do Graal*.

### **Um homem pleno**

“Quando um homem se coloca em perfeita plenitude e vai ao encontro de outro, não existe conflito entre eles. Mesmo que suas vidas sejam bem diferentes entre si, sempre haverá respeito entre ambos. Essa perfeição, expressa pelos dois, opõe-se a todo tipo de conflito.”

O que imaginamos por um ser verdadeiramente pleno?

Falamos a respeito de um ser dotado da nova alma que tem a possibilidade de ir ao encontro do Espírito. Trata-se de um encontro que deve acontecer ao longo de sua existência. Então, pode-se dizer que esse encontro entre alma e Espírito ocorre ao mesmo tempo no plano horizontal e no plano vertical. Pode-se falar, ainda, de um encontro entre dois seres humanos, ou até de coração para coração.

E, por fim, é no coração que acontece o nascimento da nova alma, da alma que é digna de ir ao encontro do Espírito. É por isso que o coração do ser humano é o coração da cruz, o ponto de encontro da corrente vertical com a horizontal. É aí que as duas correntes de vida se encontram. Afinal, no momento em que a corrente descendente da verdadeira vida

penetra o coração e o ilumina, então já é possível produzir-se um autêntico encontro de coração para coração.

“O ser humano representa o limiar entre dois mundos, duas realidades: a da existência material, onde habita o ‘ego’, e a realidade espiritual, onde o ‘ser’ essencial se mantém com amor em união plena de graça, abarcando tudo. Esses dois se encontram conscientemente de coração para coração. Sem o despertar e a purificação do coração, o ‘ego’ permanece na ilusão, no medo, na disputa, na separação e no isolamento. Sem um coração elevado ao conhecimento não existe ligação entre o ‘ego’ e o ‘ser’ essencial. O acesso do coração à sabedoria é o ponto central de nosso ser e nosso maior poder de conhecimento. Os olhos do coração têm maior alcance que os olhos do intelecto ou das paixões de nosso ‘ego’. Um coração que está nessa condição proporciona a possibilidade de verdadeira abnegação, verdadeiro bem estar e verdadeira felicidade”.

Helminski, K. *Het wetende hart, de weg van de soefi* (O coração sabedor, o caminho do sufi). Utrecht: Servire, 2002.

### **O ENCONTRO: UM TRABALHO INTERIOR**

Todos os encontros fazem parte de um trabalho interior a ser vivenciado – a verdadeira francomaçônica – até o momento em que estivermos suficientemente amadurecidos para um encontro no verdadeiro sentido da palavra: o encontro com o “Outro” em nós. Isso significa, ao mesmo tempo, um reconhecimento e conhecimento interior. O mais belo exemplo desse reconhecimento é o notável encontro de Hermes com Pimandro no primeiro livro do *Corpus Hermeticum*, versículos 1–8:

“Um dia, refletindo sobre as coisas essenciais e tendo o meu Noûs se elevado, aconteceu que os meus sentidos corporais adormeceram completamente, tal como ocorre com alguém que se vê vencido por profundo sono após lauta refeição ou por motivo de grande cansaço físico. E me pareceu como se visse um ser impressionante, de contornos indeterminados, que, chamando-me pelo nome, me disse: O que queres ouvir e ver; o que queres aprender

e conhecer em teu Noûs? Perguntei: Quem és? E recebi como resposta: Sou Pimandro, o Noûs, o ser que é de si mesmo. Sei o que desejas e estou contigo por toda parte. E eu disse: Desejo ser instruído a respeito das coisas essenciais, compreender sua natureza e conhecer Deus. Oh, quanto eu desejo entender! E ele respondeu: Fixa em tua consciência o que queres aprender, e eu te instruirei. Com estas palavras, o seu aspecto mudou, e logo a seguir tudo se tornou imediatamente claro para mim; tive uma visão prodigiosa; tudo se transformou numa serena e deleitosa luz, e eu me alegrava sobremaneira com a sua visão.”

Em seguida, Pimandro instruiu Hermes para fazer dele um “mensageiro dos deuses”. Essa maravilhosa imagem, há muito tempo, é o exemplo mais puro de um encontro no caminho que leva à sabedoria interior. Fundamentados nessa “compreensão das coisas essenciais” podemos ir ao encontro de nosso semelhante de maneira totalmente nova 🌟

# será que ainda existe algo sagrado?

Este número da revista Pentagrama traz um artigo importante sobre a geometria universal, chamada “geometria sagrada” na Antiguidade. Para quem, nos bancos escolares, não era forte em matemática ou em geometria, esta matéria é bem abstrata. Como fazer então para apresentar o conceito de geometria universal? Podemos falar de segredos espirituais divinos quando se trata desses nomes? O que têm eles de universal ou de sagrado?

Considerando a atualidade, pode-se tranquilamente afirmar que, em nosso mundo, nada é sagrado. Portanto, perguntar se nossa abordagem não é totalmente fantasiosa é justificável. Entretanto... uma flor de um azul profundo e perfeita em sua forma que desabrocha ao sol, uma fileira de nuvens estendendo ao sol matinal toda uma gama de cores matizadas da sombra à luz... tudo pode ser encantador. O que nos toca, então? Algo sagrado? Apenas começamos a refletir e “isso” desaparece, o instante passou.

Tentemos reter por um momento esse instante sublime. Este é o hino dedicado a Áton, o deus solar egípcio:

*Bela é tua alvorada,  
ó Áton vivo, Senhor da Eternidade!*

*Tu és brilhante, tu és belo, tu és forte!  
Grande e profundo é teu amor;  
teus raios cintilam nos olhos de todas as criaturas...*

*Tu és a mãe e o pai de todas as criaturas.  
Os olhos veem beleza, enquanto tu não te pões.*

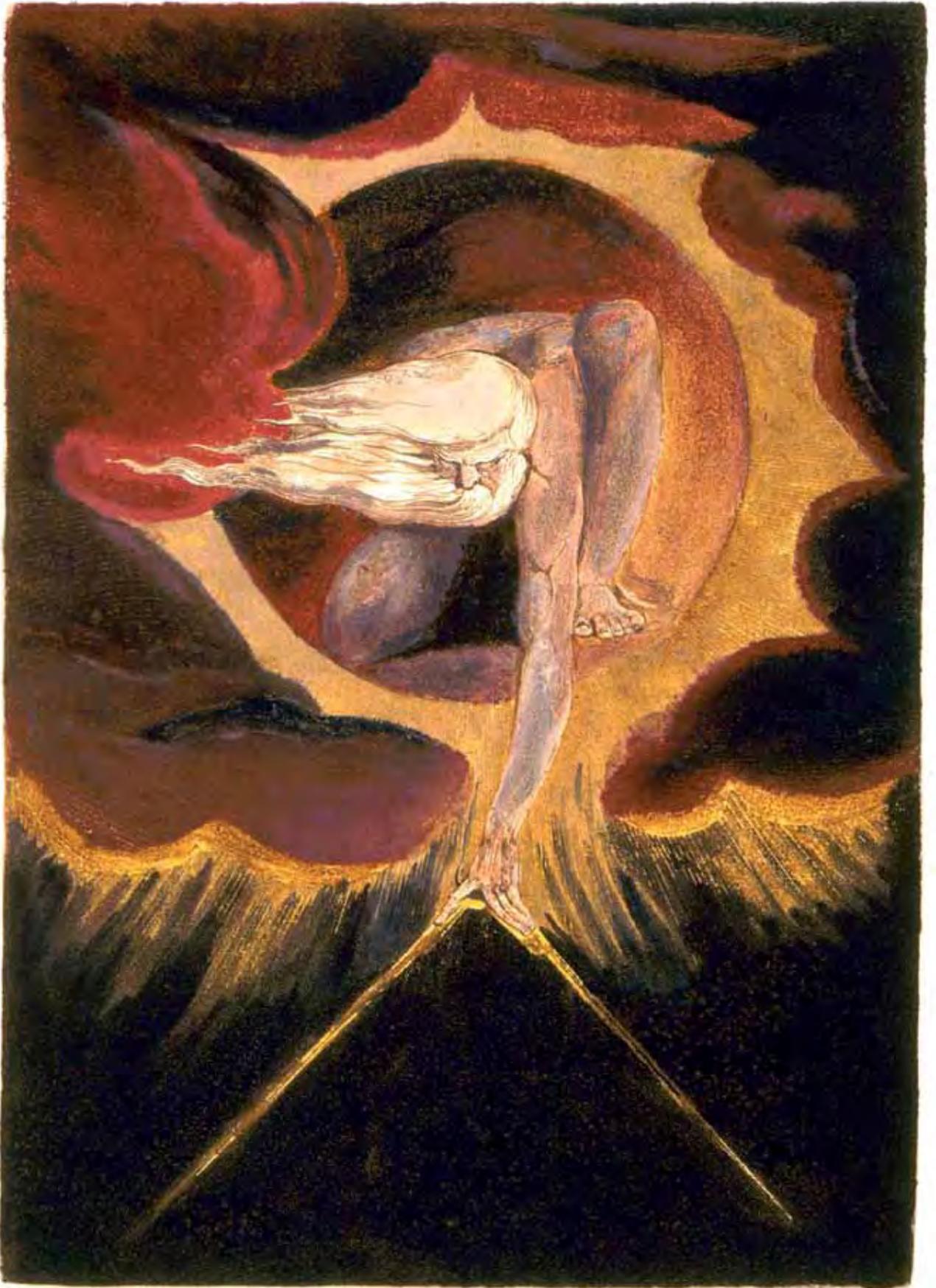
Vemos as coisas com os olhos, mas também por meio de um órgão de percepção mais profundo. Como essa brilhante estrutura, a geometria do olho, tomou forma para tornar possível a visão? Os antigos, dentre eles o fascinante pensador

Plotino, diziam: “O olho foi criado pela luz”. Os cientistas de hoje descobriram que os peixes não podem adquirir olhos sem a influência da luz. Haveria uma expressão da geometria do olho na luz? Dito de outra forma: a luz traria em si uma ideia para manifestar-se na matéria? A luz do sol ilumina nosso planeta há milhões de anos. E nosso planeta “responde”. O melhor reflexo da luz encontra-se no mundo vegetal. Frequentemente é dito que as plantas contêm luz. A percepção da luz pelas flores assemelha-se à visão do olho.

**LUX ET LUMEN** No *Timeu*, Platão narra que Deus confia aos demiurgos a criação do mundo, dando-lhes como fundamento o número, a proporção e a geometria. Platão parte da ideia de que esses princípios emanam do mundo espiritual. Na Bíblia, no primeiro dia do Gênesis, Deus pronuncia as palavras: *Fiat lux* (Que haja luz). Os primeiros pais da Igreja viram nessa luz primeva uma realidade espiritual que traduziram por *lux* e que, segundo eles, seria a alma do espaço. Eles julgavam que a luz por nós conhecida, que eles chamavam de *lumen*, emanava da luz espiritual. Durante muito tempo foi feita

**“O Ancião dos dias”, uma imagem do criador que, como construtor supremo, edificou o mundo.**

William Blake, óleo sobre tela, 1794, British Museum, Londres



## Há dois tipos de luz: uma do mundo físico da matéria, a outra é a

distinção entre os dois termos. Um continha as ideias do criador, o outro conduzia a manifestação material: sem luz, nada cresce. No século 3 surgiu uma visão que religou o pensamento científico nascente aos conceitos religiosos. Robert Grosseteste (1175–1253), pensador medieval e um dos primeiros acadêmicos de Oxford, considerava a luz como sendo “o primeiro corpo”, a forma física primeva de onde tudo provém. Para ele, a partir de um único ponto e do mesmo modo, a luz se multiplica instantaneamente em todas as direções e forma uma esfera. Por condensação, ela entra numa fase de diferenciação que leva ao que o Gênesis chama de separação entre o céu e a terra. Esse processo engendra a matéria. A criação material, em toda a sua extensão, é luz condensada. A luz fez nascer o espaço, até que, finalmente, exausta, ela pereceu na orla do universo que foi criado. Em sua forma cristalizada, na matéria criada, ela nos mostra sua constituição espiritual original. Grosseteste diferencia igualmente dois tipos de luz: a de nossa existência física e material, e a outra, a luz da compreensão que toma corpo nas criaturas de Deus puramente espirituais.<sup>1</sup>

**O QUE É DA TERRA É REFLEXO DO QUE É ESPIRITUAL** Nicolau de Cusa (1401–1464), filósofo da Renascença, estabeleceu uma ruptura entre os mundos terrestre e celeste. Para isso, ele utiliza a linguagem aritmética: Deus é personificado pela noção de infinito. O homem é um ser finito. A multiplicação de um número finito dará sempre um número finito.

Por isso, Deus, como ser infinito, jamais poderá ser alcançado pelo homem como ser finito. Assim Nicolau de Cusa coloca em evidência o abismo entre o reino divino da luz e o nosso mundo. Mil anos antes, os cristãos gnósticos primitivos já haviam desenvolvido uma visão semelhante. No que é terrestre transparece, entretanto, algo de espiritual, sem o que estaríamos completamente perdidos. Algo de elevado se comunica à nossa interioridade. No decorrer dos séculos, o que é considerado como elevado se modifica. Voltamos as costas ao céu para voltar-nos para a terra e descobrir seus segredos. No lugar do mundo ideal da luz, de onde emana o mundo dos fenômenos, vem o “mundo ideal” da Matemática. Essa ciência, assim como a Geometria, é considerada algo que está fora de toda a luz divina. A fria abstração do pensamento intelectual tomou o lugar da visão religiosa.

Com o auxílio da Matemática, podemos sondar a natureza da luz. Os pensadores localizam o “espiritual” na cabeça humana. O materialismo começa a apoderar-se dos espíritos. Do ponto de vista dos gnósticos, um período de “esquecimento” se instala. É surpreendente reencontrar isso na literatura maçônica: “A sabedoria do artesão, a força dos materiais e a beleza da arquitetura deram lugar à desordem, à confusão e ao pecado. O construtor supremo do universo havia decidido exprimir sua glória, renunciar às construções terrestres e erigir por meio de sua sublime e excelente geometria uma construção espiritual, cuja existência, inatacável diante das forças humanas, persistiria ao longo dos séculos”.

## luz da compreensão, “o saber do coração”

OS MITOS No século 18, os pensadores românticos opuseram-se a essa tendência. Eles buscavam novamente a ligação com o que chamavam de “o mito”. Sua filosofia da natureza tinha por objetivo tornar o espiritual divino visível na matéria física. “Tudo o que é perecível é apenas parábola”, lemos em Fausto, e isso quer lembrar-nos do mundo imperecível da luz, que sempre nos chama.

Novalis (Georg Friedrich von Hardenberg, 1772–1801) observa que os sábios, antes do divórcio entre a rigorosa verdade e a poesia – o mito – ainda podiam ver a natureza como animada. Eles também decifraram a existência dos deuses e das influências divinas no mundo: “Tudo o que os iniciados veem tem o traço de Deus”. Em seu conto mítico *Eros e Fabel*, o mito é personificado por Fabel. Novalis vê em Fabel “o novo nascido em nós”, o ser mais interior do homem, a própria essência de sua alma, uma criança “eternamente feminina”. Nos mitos antigos, a Esfinge questiona o homem sobre qual é sua essência. Aqui, a Esfinge pergunta a Fabel: “Qual é o segredo eterno?” “O amor”, responde ele. “Onde ele se encontra?” “Junto da Sophia.” Assim, é o amor pela sabedoria que reaproxima o homem atual, o homem de alma receptiva, daquilo que é sua natureza intrínseca fundamental.

Um contemporâneo de Novalis, o pintor e poeta inglês William Blake (1757–1827), vê o mundo como “uma morada particular e brilhante, mas que terminará por dar lugar a um universo glorioso”. William Blake crê que suas próprias visões anunciadoras desse porvir são seus poe-

mas que têm por tema “o fim do mundo” e “o cosmo é um”. Antecipando os acontecimentos, ele está convencido de que sua obra contribuirá para elevar alguns à “experiência do infinito”. Essa é uma das razões por que ele grafa de modo magnificamente belo seus poemas e os transporta para quadros inspirados e fantásticos. O filósofo e poeta americano Ralph Waldo Emerson (1803–1882) aborda o mundo visível de forma idêntica. Ele é um poeta de espírito claro e ao mesmo tempo “embriagado de um vinho que jamais amadureceu no ventre da uva”. Seu pensamento de frescor e limpidez cristalina jorra de uma fonte subterrânea como água fresca e clara. Ele faz ver de inúmeras maneiras que cada acontecimento da natureza é como o símbolo de uma realidade espiritual. À medida que a ciência se afasta de sua origem espiritual, os pensadores decifram muitos segredos da matéria. Já não se trata de espantar-se com as maravilhas da natureza nem de elevar-se espiritualmente, mas de pensar claramente, de dominar a natureza e torná-la funcional.

Coloca-se o próprio espírito dos objetos diante deles mesmos para examiná-los bem e tratar de submetê-los à nossa vontade. Dessa forma, penetramos no mais profundo da matéria e... chegamos a um limite.

Eis o que diz o filósofo e físico quântico Hans-Peter Dürr: “Quanto mais decompomos a matéria, menos resta que faça pensar na matéria. No final das contas, já não há matéria, apenas uma forma, uma simetria, uma relação. A matéria não é composta de matéria! O que resta

## Até mesmo nosso corpo, do qual cuidamos diariamente, é uma imagem muito distante da luz espiritual

são as relações, a matéria secundária. A matéria física é um fenômeno que não aparece senão em certas extrapolações. A matéria é uma forma de coagulação. Talvez pudéssemos dizer também: no final da decomposição da matéria nada mais resta do que algo que se aproxima do espiritual: a unidade, a receptividade, a vida, a potencialidade. A matéria é coagulação do espiritual”.<sup>2</sup>

**AS FORMAS CONDENSADAS** Também em nossos dias o mundo espiritual da luz desponta outra vez no horizonte. Uma possibilidade se delineia. Físicos célebres como Ulrich Warnke falam de *potencialidades ilimitadas* ou do *oceano de todas as possibilidades*.

O círculo poderia fechar-se: a Física e a Música poderiam elevar-se tanto em seus próprios caminhos que se reencontrariam. Tudo isso, por um lado, graças ao novo realismo adquirido e, por outro, graças à elevação espiritual.

A geometria universal nos mostra estruturas nas quais reconhecemos os múltiplos reflexos do fundo espiritual que sempre ressurge.

Partindo de uma base nova, podemos considerá-los como formas condensadas da luz tornada matéria. Aonde chegaremos se dissolvermos essas formas petrificadas para seguir um caminho até sua fonte? Podemos dizer que, em geometria, as proporções perfeitas são expressões de harmonia e beleza espiritual, e que as relações de certas linhas e superfícies que representam as relações perfeitas são imagem do amor perfeito. Eis como reencontramos a correlação entre a

Matemática e a experiência mística. Quando sondamos as leis do cosmo com a ajuda de nossas fórmulas matemáticas, buscamos, com frequência, de modo inconsciente, conhecer o que é espiritual e divino e se situa tanto em nosso interior como no cosmo onipresente. O mesmo ocorre com relação a nosso corpo, seus movimentos e suas proporções. Nosso corpo, com o qual somos diariamente confrontados, também é uma representação da luz espiritual. O que tentamos fazer, nesta revista **Pentagrama**, é ampliar nossa visão dos aspectos quantitativos dos números e das proporções, ao mesmo tempo em que também tentamos sublinhar seu aspecto qualitativo. Podemos aprender a maravilhar-nos outra vez. Os números simples de 1 a 10, que cremos conhecer tão bem, são portadores de uma mensagem espiritual de envergadura. O caminho indicado por Nicolau de Cusa e os gnósticos é definitivamente vertiginoso e conduz bem para além do abismo desta terra. Como um código, ele está escondido entre os algarismos simples. Vejamos para começar:  $1 \times 1 = 1$ , a Unidade divina;  $1 + 1 = 2$ , a dualidade deste mundo etc. Nosso caminho adquire sentido profundo quando aprendemos a compreender de modo diferente o que sabíamos há tanto tempo 🌀

Fontes:

1. Zajonc, A. *Lichtfänger. Die gemeinsame Geschichte von Licht und Bewusstsein* (Receptores de luz: A história em comum da luz e da consciência). Stuttgart: Freies Geistlebens, 2008. p. 76, 131.
2. Dürr, H.-P. *Geist, Kosmos und Physik* (Espírito, cosmo e Física). Amerang: Crotona, 2010. p. 33.

# os números contam a história da vida

Desde a origem da humanidade, os mistérios da natureza sempre foram registrados e explicados por meio de números, figuras geométricas e símbolos. Na Antiguidade, as pessoas viam os números como qualidades espirituais que revelavam a ordem e a força estruturante por meio das quais se desenvolveram o cosmo, nossa terra e os elementos primordiais. A geometria universal é uma ciência que, em nossa época, retornou à consciência do ser humano. A essência dessa geometria, que é bem diferente daquela ensinada nas escolas, concerne aos números das formas na natureza e suas medidas. Muitos cientistas e filósofos viram e veem na linguagem universal da geometria a linguagem primordial do universo. Os antigos denominavam-na “geometria sagrada”, porque seus princípios eram invariavelmente os mesmos. Eles estudavam suas leis para descobrir o fundamento ou a medida original do cosmo.

Atualmente, os números parecem ser específicos e abstratos demais para atrair nosso interesse. E a geometria não é uma matéria apreciada por muita gente. Mas não trataremos aqui da geometria ensinada na escola. O homem moderno dividiu e fragmentou tudo de tal maneira que perdeu o significado original dos números. Apesar disso, quando conseguimos recobrar esse significado, ele nos liga novamente a uma profunda sabedoria. Isso porque os números nos dão acesso à estrutura e às leis interiores do mundo espiritual, que está oculto. Eles são reflexos das hierarquias espirituais e do caminho de desenvolvimento da alma do indivíduo e da alma da humanidade. Os números dizem respeito a processos estruturais e também a elementos tanto materiais como espirituais. Este artigo dará alguns esclarecimentos a esse respeito. O número conta e narra. Pode-se observar a ligação entre contar (calcular) e contar (narrar) não somente em português como também em holandês (“tellen” e “vertellen”), em alemão (“zahlen” e “erzählen”), em inglês (“to tell”), em francês (“raconter”), árabe, hebraico e outras línguas. Nossa palavra “cifra”, para designar os números de zero a nove, vem da

palavra hebraica “sefirá”, que, originalmente, significava clarão, luz. Sefirá é o singular de sefirot. Os dez sefirot são os dez princípios primordiais da cabala. Eles são as emanções da Divindade por meio das quais o mundo surgiu. Considerado desse modo, isso indicaria que a palavra “cifra”, que vem do árabe “sifr” e do latim “cifra”, teria como origem a luz, e nossos números teriam uma origem espiritual divina. A palavra “cifra” sempre evoca uma espécie de escrita secreta (“cifrada”), uma chave secreta. É por isso que dizemos que as palavras são formadas de números. A estreita ligação entre palavras e números é crucial para que possamos compreender melhor as escrituras antigas – entre elas a Torá (Pentateuco), o Velho Testamento e o Novo Testamento. Utilizando uma técnica literária denominada “gematria”, muito difundida nos tempos antigos, era comum ligar palavras e frases a certos números para expressar secretamente determinados conceitos. Os números são forças secretas que desvelam imagens originais e revelam a história da vida e da consciência. Eles contam e recontam essas histórias. Quando compreendemos os números, eles passam a explicar nossa existência, nossa origem, nossa evolução e nosso destino.

### ○ “ZERO”

O “zero” somente foi introduzido e utilizado no Ocidente no século 12. No sentido original, ele não é um número. Na verdade, nem sua adição nem sua subtração a um número faz seu valor mudar. Mas, quando é colocado na frente de um número, ele lhe dá um valor maior. Em geral, apenas encontramos o “zero” em combinações com outro número. Considerado espiritualmente, o “zero” representa o absoluto, o ser divino indizível, que está manifestado secretamente neste mundo. Em tempos imemoriais, a vida foi concebida, e assim as formas se manifestaram.

A linguagem simbólica dos números ajuda-nos a reconhecer e decifrar as etapas marcantes da vida. Assim, números e cifras são chaves que abrem o que está oculto. A história dos números ensina-nos a respeito de nossa evolução desde nossa origem. A própria essência do número nos faz partir de sua qualidade estritamente quantitativa até chegar à sua qualidade espiritual, sempre crescente.

Do ponto de vista quantitativo dos números, a uma unidade é somada uma segunda, uma terceira, e assim por diante, gerando o conjunto dos números inteiros, o que faz com que cada número tenha vizinhos que diferem de uma unidade a menos ou a mais. Desse modo, determinamos e verificamos quantidades e medidas, quem tem mais ou menos ou o que tem maior ou menor valor.

A isso está ligado uma atitude anímica de acumular, comparar entre maior ou menor, uma

atitude de “querer possuir” segundo a qual o mundo calcula e julga.

No princípio, contudo, o homem contava sem seguir esse sistema cumulativo, mas de acordo com um princípio de partilhamento, de divisão, no qual, ao representar-se o número “dois”, o “três”, e assim por diante, a unidade não era perdida.

Desse ponto de vista, cada número é um elemento ou um aspecto da unidade. Eles mantêm sempre uma relação com o todo e dele tiram seu significado. Assim, a multiplicidade permanece no interior da unidade.

Essa visão qualitativa vê cada ser, cada indivíduo, como parte do todo. Ela também reconhece a individualidade somente em conexão e em ligação com o “um-todo”.

No presente artigo, examinamos a maneira qualitativa de considerar os números.

#### Visão quantitativa

1: |-----|  
2: |-----|-----|  
3: |-----|-----|-----|

#### Visão qualitativa

1: |-----|  
2: |-----|-----|  
3: |-----|-----|-----|

# 1

## O “UM”

Com o “um” tem início a criação. Do “um” surge o mundo. O “um” foi o primeiro impulso de energia, o primeiro raio que emanou da causa primeva, do vazio. O “um” simboliza a vontade do Pai e corresponde ao som primordial, o primeiro Verbo criador, de onde provém a inteira criação, que emerge do segredo primordial atemporal sob o aspecto de uma centelha desprovida de forma. Sobre isso lemos no *Zohar*, uma obra sobre a cabala: “Ela não era branca, nem negra, nem vermelha, nem verde – nem de cor alguma. Somente quando assumiu espaço e dimensão foi que ela produziu cores. E do âmago da centelha brotou uma fonte, de onde as cores afluíram para tudo o que se encontrava abaixo”.<sup>1</sup>

Do “um” nascem todos os números, os quais ele contém e abrange. No *Tao Te King*, o livro da sabedoria chinesa de Lao Tsé, lemos: “O Tao gera Um. Um gera Dois. Dois geram Três. Três geram as dez mil coisas”.<sup>2</sup>

O “um” representa a qualidade da unidade, do indivisível. Ao mesmo tempo, ele representa a compreensão. A compreensão significa estar em condição de perceber a unidade de todas as coisas por detrás da multiplicidade do mundo. Disso se pode concluir que a compreensão do “um”, o retorno ao “um”, é o último e mais difícil passo a ser dado pelo ser humano. Ele é

1 León. M. de. *The Zohar (O Zohar)*. Palo Alto: Stanford University Press, 2003. (Edição Prizker, v. 1).

2 Lao Tsé. *Tao Te King*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

# 2

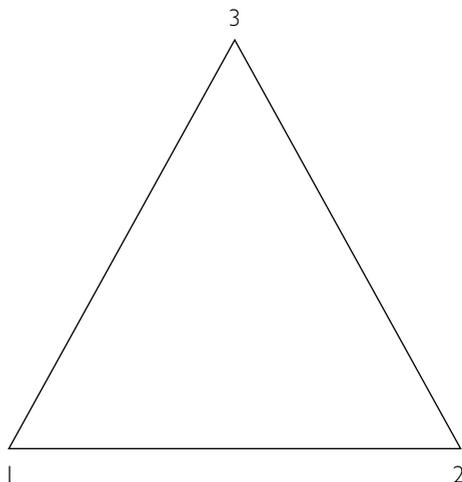
objetivo supremo do ser humano, o significado de sua existência. A unidade apresenta-se ao nosso espírito de duas maneiras: material e espiritual, oculta e manifesta. A matéria, em sua extensão, é tão incomensurável quanto o espaço. Ora, a unidade somente é visível em suas diferentes combinações e constituições. O mesmo acontece com a luz. Se a escuridão não existisse, a luz não teria forma nem seria percebida. Do mesmo modo, somente podemos perceber o bem porque existe o mal. Portanto, o “um” desencadeia a possibilidade do “dois”, pois traz dentro de si dois polos. É somente graças a essa polaridade dos pares opostos que algo passa a existir de modo evidente para nós.

## O “DOIS”

Lemos no Gênesis: “E fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite”. O “dois” é a expressão do surgimento do mundo na consciência do “um-todo”. A forma na qual o mundo surge é a da polaridade e da multiplicidade. A vida oscila entre opostos: luz e escuridão, quente e frio, duro e mole, mais e menos, norte e sul, amor e ódio – e mantém-se pelo equilíbrio entre eles. A sabedoria oriental representa esse jogo com o conceito de ying-yang. Como os dois polos se opõem, sempre existem dois lados em todas as coisas. É somente na origem, no princípio, que sua unidade pode ser encontrada.

Portanto, o impulso primordial da criação consiste na divisão ou polarização do “um”. A divisão da unidade em dois polos provoca

# 3



tensão, movimento e, em seguida, vida. Mas, ao serem apartados, eles procuram unir-se novamente: o “um” quer voltar a manifestar-se. Assim, por meio das formas fenomênicas duais do mundo criado surgem força e movimento. Pensamentos, coisas e vibrações oscilam entre duas direções: ou elas separam-se, ou tentam unir-se, como no princípio.

Assim, duas forças primordiais atuam no universo: de um lado, visando à polarização e à diferenciação e, de outro, visando à união, a qual se segue uma nova criação. É isso o que acontece em toda a extensão da natureza e também na alma humana.

Em nós, o intercâmbio que conhecemos bem entre o masculino e o feminino pode ensinar-nos a separar o que é essencial e verdadeiro do que é exterior e variável. Isto nos ensina a ultrapassar a dúvida, a discórdia e o desespero e a deixá-los de lado, para fazer com que os dois polos se sublimem na unidade. A palavra “dúvida” já nos remete à ideia de hesitação entre duas coisas. No *Fausto*, de Goethe, a bruxa diz: “Deves compreender.

Do um faze dez  
e abandona o dois.

Equilibra o três  
e serás rico”.<sup>3</sup> (Goethe, *Fausto*, Primeira parte)  
Queremos enfatizar aqui as palavras “abandona o dois”!

## O “TRÊS”

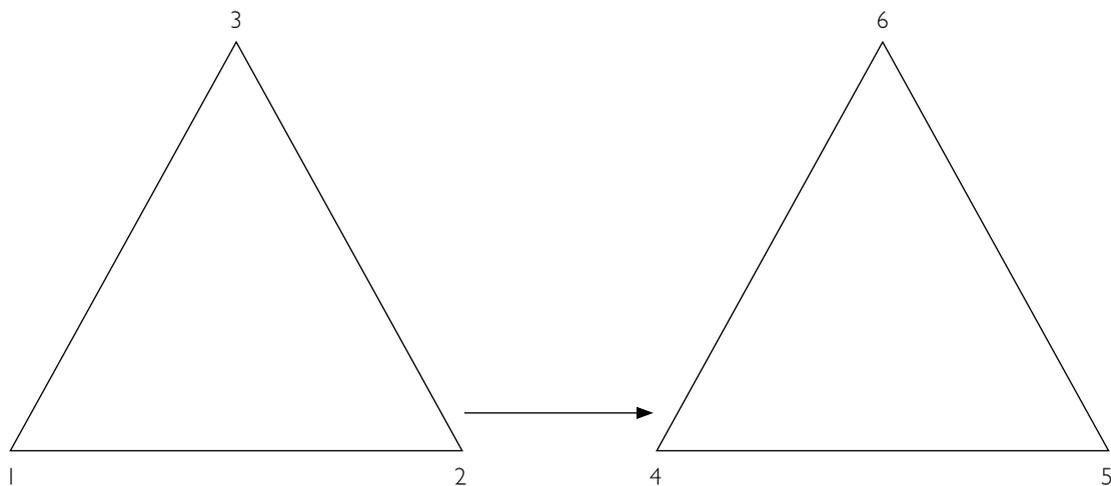
A tensão entre o “um” e o “dois”, assim como a tensão entre o masculino e o feminino, o superior e o inferior, o bem e o mal é resolvida no “três”. O “três” é o princípio do movimento, da dinâmica, do equilíbrio restabelecido e da ligação. É o número da reversão e da vitória sobre os opostos. É por isso que os chineses o comparam ao Tao. O Tao tanto é o “um” como é o “três”. O Tao abarca os dois polos, contém em si o yin e o yang e converte-se neles. Na terminologia cristã: o Pai e a Mãe (o Pai-Mãe divino) engendram o Filho divino, que manifesta a consciência e a luz.

Na vida cotidiana, isso significa que podemos resolver a tensão entre dois polos se não nos perdermos na dualidade. É recomendável escolher, de algum modo, um ponto de vista superior, considerar as coisas a partir de outro plano. O símbolo da gênese dessa nova consciência é o triângulo equilátero. Esse triângulo é uma forma geométrica que inspira estabilidade e força excepcionais que não estão presentes em nenhum outro polígono. Com o “três” é iniciado um processo de nascimento do qual surge uma nova dimensão, um novo plano de percepção. Em muitas religiões o criador supremo é representado por uma trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, na tradição cristã, e Brahma, Vishnu e Shiva, na tradição hindu.

Despertando do estado primordial paradisíaco mas inconsciente da unidade, precisamos passar pelo mundo da dualidade e da ilusão a fim de elevar-nos, por meio do “três”, a uma nova

<sup>3</sup> Goethe, J.W. von. *Fausto*. Primeira parte. São Paulo: Editora 34, 2007.





unidade, dessa vez consciente, com o Espírito. Na dança, a sequência “um-dois-três, um-dois-três” nos mostra o padrão fundamental do caminho de desenvolvimento. Esse modelo tanto é válido para o que é grande como para o que é pequeno. Ele é válido para a criação inteira, para a personalidade individual e para todas as fases da gênese: nascida da unidade, a alma, após passar por cisões, dúvidas e crises, cresce e ganha discernimento e assim encontra o caminho de volta à unidade. Depois de ter alcançado a unidade, segue-se sempre uma nova polarização, para que possamos colocar-nos novamente diante de uma nova mentalidade, de uma nova consciência e, portanto, de uma nova tarefa, tudo isso graças a uma nova temática.

Esse princípio faz com que nada se perca e que a existência não se dissipe na polaridade, mas sim que permaneça sempre no caminho da elevação – o “três” – onde ela se deparará com a experiência, a consciência superior e o amor. Para tanto, devemos aceitar o desafio. À medida que a consciência cresce, também cresce o princípio-alma.

### O “QUATRO”

O ciclo que vai do “um” ao “três” refere-se aos princípios fundamentais que emanam da energia do “um”. Em seguida, o espírito e a energia desses princípios polarizam-se a fim de possibilitar o crescimento da consciência, por meio do “três”. Com o “quatro” tem início um novo ciclo completo que, por meio do “cinco”, leva ao “seis”. E agora? O que se apresenta como modelo, como estrutura de linhas de força concretas e visíveis?

O “quatro” surge a partir da primeira trindade. Ele é uma criação concreta: é o símbolo da concretização. Ele é tudo o que se condensa em uma natureza material. Enquanto o “três”, como fator de impulsão, é considerado um número masculino, o “quatro” representa a expressão do feminino receptivo e gerador. O “quatro” representa um novo plano de manifestação. A etapa que vai do “três” ao “quatro” significa que a alma atinge um plano de consciência mais profundo. É a etapa da reconquista da completa unidade, do crescimento da consciência do significado da vida, assim como da consciência do espírito que determina a vida terrena. Porém, aí estão ocultos alguns perigos, pois o “quatro” também é um “dois” ao quadrado:  $2^2$ .

“Se a alma se deixa conduzir pela ordem espiritual e dá forma à matéria de acordo com essa ordem, então surge um mundo de formas que expressará a ordem espiritual: a unidade. Mas se a alma se deixa conduzir apenas pela energia do “dois”, ela perde a ligação com o “um” e

# 4

manifesta-se no mundo das formas como caos, como luta de tudo contra tudo.”<sup>4</sup>

Nesse contexto, podemos compreender a expressão do mito paradisíaco, “comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”. A energia do “dois” ganha domínio sobre o ser humano.

A missão do “quatro” é recuperar, nos domínios terrenos, as leis do Espírito e a vida por meio do Espírito. Paradoxalmente, isso acontece com o retorno à terra, com o mergulho na realidade terrena – não para completar e tornar perfeita a natureza, pois isso seria impossível, mas sim para perceber, nela, a coerência estrutural. Com base nisso atingimos nossa maioridade, que é a condição para seguir o caminho espiritual, pois ninguém pode percorrer esse caminho por nós. Para tanto, é evidente que o ser humano que está no plano terreno recebe auxílio sob a forma de sinais, mensagens, advertências.

Onde encontramos o “quatro” em nossa vida cotidiana?

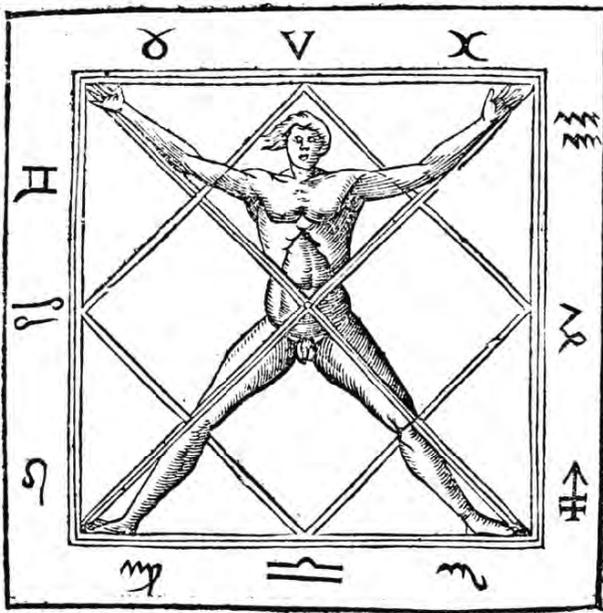
- Nos quatro pontos cardeais, que constituem a grande cruz do universo.
- Nas quatro estações do ano e nas quatro direções do vento.
- Nas três dimensões do espaço junto com a quarta, que é o tempo.
- Nos quatro elementos: terra, água, ar, fogo.

---

<sup>4</sup> Dietzfelbinger, K. Pythagoras. *Spiritualität und Wissenschaft* (Pythagoras. Espiritualidade e Ciência). Königsdorf: Königsdorfer, 2005.

- No quadrilátero regular, o quadrado, uma figura geométrica que para os pitagóricos era o símbolo da equidade.
- Podemos considerar uma estrutura tridimensional de quatro maneiras: como uma quantidade de pontos, como retas, como planos, como volumes.
- Com o “quatro” tem início a corporeidade. Para construir-se um volume no espaço são necessários quatro planos.
- Símbolos do “quatro” são também o cubo e o ângulo reto. Uma das planificações do cubo é a cruz, um símbolo conhecido há mais de 10.000 anos. Muito antes do cristianismo a cruz já significava o aprisionamento à natureza. A primeira condição para escapar-se dessa prisão é reconhecê-la. A etapa seguinte consiste em tirar conclusões com base nesse reconhecimento – ou seja, “carregar sua cruz”. Em hebraico, a quarta letra do alfabeto é o “dalet”, que significa algo como “porta”. Na terra, quando queremos agir conforme as leis da matéria, precisamos passar pela porta do “quatro”. A natureza, as ciências e qualquer atividade prática baseiam-se no “quatro”. O “quatro”, como ponto de intersecção entre espaço e tempo, é igualmente a porta da libertação e da verdadeira gênese humana. O “quatro” é o número por meio do qual o divino pode manifestar-se. É o número da terra, do plano terrestre, a realidade da vida que se expressa na forma.

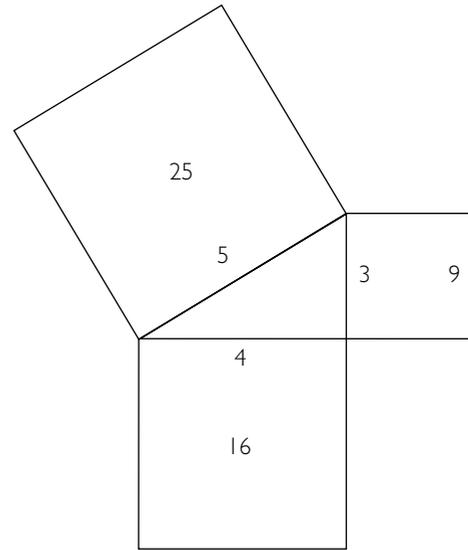
O “quatro” ensina-nos a cumprir nossas tarefas e a resolver os problemas cotidianos. Ele



mostra-nos que tudo o que precisamos encarar – tanto as coisas comuns como as incomuns – tudo tem um significado que precisamos descobrir, aceitar e realizar. No “três” encontramos a vasta e autônoma base de nossa vida. Já o “quatro” se estabelece pelo confronto com o que adquirimos ou questionamos durante toda a nossa vida. Em outras palavras: com o “três” e com o “quatro” percebemos que a vida

inteira tem como base aspectos opostos. Com o “três” aprendemos a tornar-nos construtivos; com o “quatro” nos deparamos com os profundos questionamentos sobre o significado e o objetivo de nossa vida na terra, assim como sobre a tarefa que devemos assumir na vida. Como é que isso acontece no decorrer da vida? No mundo visível, passamos por uma longa série de experiências. Desejamos alcançar a harmonia

# 5



e a perfeição, mas verificamos que aqui nada é duradouro e tudo se transforma. Por fim, chegamos ao limite: o coração passa a compreender e torna-se receptivo ao chamado da eternidade. Brotam mil questionamentos, e cresce o anseio de captar o significado original da existência. É então que o “cinco” nos dá a resposta, pois nele existe a possibilidade de uma nova ligação, uma ligação consciente com o Espírito. Para Pitágoras, o quatro é o número ideal. Com ele, forma-se o ciclo “um-dois-três-quatro”, que ele chama de “tetraktys”. O “quatro” representa a vida sob sua forma visível. Por detrás dela, estão sempre operando a unidade, a dualidade reintegrada à unidade e a trindade criadora. Nesse sentido, a vida nos arrasta ao longo de uma espiral ascendente do “um”, ou seja, o “dez”!

$$1 + 2 + 3 + 4 = 10$$

•  
• •  
• • •  
• • • •

(Tetraktys)

Ainda que alcancemos um estado ideal com a compreensão do “dez”, na vida prática sempre estaremos longe disso. As influências provenientes da dualidade das coisas desse mundo impõem-se pesadamente sobre nós. A polarização é forte demais. Os opostos alcançaram tal autonomia que é muito difícil conseguirem resolver-se pela união. É por essa razão que o ser humano está preso entre a dualidade dos

opostos e a unidade. Será que ainda existe, para ele, uma chance de escapar disso? Saberemos logo mais, quando analisarmos o “cinco”.

## O “CINCO”

“O célebre teorema da Pitágoras é, de fato, a expressão de uma lei geral sobre a vida. Vejamo-lo numa figura geométrica: o ângulo reto (a separação consciente) é a síntese que surge do princípio masculino, que é o ‘três’, e do princípio feminino, que é o ‘quatro’ – portanto, tese e antítese. Podemos ver isso na criança. Ela é o ponto de ligação entre os pais: é a hipotenusa do triângulo retângulo.”<sup>5</sup>

O triângulo retângulo cujos lados medem “três” e “quatro” e a hipotenusa mede “cinco” leva o nome de “triângulo áureo”. O “três”, que é o princípio masculino (razão, compreensão, força de ação), exprime-se e alcança a perfeição com o  $3^2$  (três ao quadrado). É a realização do princípio masculino. O “quatro”, que é o princípio feminino (coração, intuição, dedicação), encontra realização com o  $4^2$  (quatro ao quadrado). É o que há de mais elevado no mundo do “quatro”, é a realização do princípio feminino.

Friedrich Weinreb, escritor judeu chassidista do século 20, em seu livro *Número, sinal, palavra*, diz: “O homem e a mulher juntos, quando se transformam em uma unidade, na condição em que eles alcançam o mais elevado, o má-

<sup>5</sup> Weinreb, F. *Zahl, Zeichen, Wort. Das symbolische Universum der Bibelsprache* (Número, sinal, palavra. O universo simbólico da linguagem bíblica). Weiler-Simmerberg: Thaurus, 2007.

ximo que pode ser alcançado em algum lugar, adicionam-se como  $3^2+4^2=5^2$ , ou  $9+16=25$ . O número 25 é o quadrado de 5, a realização do “cinco”. É o fruto desejado – isto é, a manifestação, o filho. É o fruto do homem e da mulher quando os dois se tornaram uma unidade, ambos na realização de si mesmos. Assim nasce o novo”.<sup>5</sup>

O triângulo que se obtém do corte transversal da pirâmide de Quéfren, no Egito, consiste em dois triângulos áureos cujos lados 3 e 4 formam um ângulo reto. Suas hipotenusas – os dois lados opostos da pirâmide – representam o “cinco” e se unem no ápice. Tanto a pirâmide quanto o teorema de Pitágoras evocam o caminho que o ser humano deve trilhar e é a tarefa específica de sua vida: o caminho que, saindo da prisão do mundo, conduz ao “quatro”, que é a sua libertação.

Geralmente, todas as pirâmides que têm como base o quadrado (portanto, o “quatro”), têm o quinto ponto como ápice acima do centro. A manifestação do mundo material do “quatro” necessita de um polo oposto que emane dele: uma consciência em condição de compreender

que as leis e a organização do mundo terrestre foram formadas com base em leis e na organização do mundo da alma e do Espírito. O polo oposto é o “cinco”, ou seja, o homem cuja orientação se eleva em ângulo reto em relação à terra. Ele é intencionado como um órgão de reconhecimento de Deus. Podemos reconhecer sua missão na simbologia da pirâmide.

O ser humano cresce com base no “quatro”. Podemos descrever isso simbolicamente: ele está em pé ereto, enquanto mantém os braços levantados em direção ao céu. É preciso que ele vença os elementos opostos para tornar-se o intermediário entre o mundo terrestre concreto (o eixo horizontal) e a base antiquíssima, que se perdeu na memória dos tempos, da terra original divina (o eixo vertical).

Assim como o homem em pé está no “meio”, entre o céu e a terra, assim também o “cinco” ocupa a posição central na sequência que vai do 1 ao 9. O “cinco” é a soma do “dois” (= a dualidade da matéria) e do “três” (= a vitória sobre a dualidade com o auxílio da força divina).

Nas civilizações hebraica e hindu, o “cinco” é a

1 2 3 4  
O aprisionamento na matéria  
A Terra

5

6 7 8 9  
Vitória sobre a matéria  
Céu

expressão da vontade criadora do homem e de sua força individual intrínseca. O “cinco” é indivisível. Podemos perceber isto no conceito de individualidade, ou seja, da indivisibilidade do ser humano. A soma do “dois” e do “três” faz com que o “cinco” se torne perceptível à consciência. Caso as experiências nos tenham feito amadurecer o suficiente, podemos elevar-nos da condição de indivíduo primitivo à condição de indivíduo criador: à plenitude do “cinco”.

Esse segredo fica evidente quando consideramos de perto as figuras geométricas específicas do “cinco”: o pentágono e a estrela de cinco pontas, que é o pentagrama.

“O pentagrama sempre foi venerado como um símbolo sagrado. Sua construção foi mantida secreta até o século dezesseis. Para os antigos, ele era o símbolo da ordem divina. Se traçarmos um círculo e marcarmos cinco pontos com distâncias iguais, começando pelo ápice e juntando todos esses pontos, então obteremos um pentágono. Se traçarmos uma reta unindo os dois pontos que estão abaixo do ápice e, a partir do ápice, traçarmos o diâmetro do círculo, obteremos a imagem da cruz cristã. Se juntarmos os pontos – não um a um, mas um com mais dois, partindo do ápice e voltando a ele, obteremos o pentagrama, ou seja, a estrela de cinco pontas. O traçado dessa figura mostra que é preciso transcender a dualidade para chegar à estrela de cinco pontas. A relação entre o pentagrama, o círculo e a cruz simboliza o caminho para o qual o buscador é chamado. A saída do mundo, que é representada pelo

‘quatro’, é possível mediante a submissão de todo o nosso ser ao mundo da unidade. A alma ajusta-se a esse mundo do ‘um’ como um pentagrama, ou seja, uma estrela de cinco pontas. Consideremos um pentágono ou um pentagrama. Se imaginarmos o que se segue, veremos que cada um deles sugere uma ligação com o infinito: a partir de um pentágono, podemos formar um conjunto de pentágonos iguais – a partir de seus lados, eles encaixam-se perfeitamente uns aos outros e descrevem uma superfície que se estende ao infinito. Podemos tomar qualquer um desses pequenos pentágonos como sendo o símbolo do microcosmo que reflete os segredos do macrocosmo.”<sup>6</sup>

O pentagrama oculta ainda um segredo: o número áureo ou a razão áurea. Em um homem de braços abertos, o comprimento dos dois braços somado à largura dos ombros dividida pelo comprimento dos dois braços tem como resultado aproximado o número áureo ou a razão áurea. Isso mostra que existe de fato uma separação do todo, mas que as partes sempre estarão ligadas ao todo. O ser humano, com seus cinco sentidos, é uma entidade que se separou do mundo divino. Ele pode encontrar em si a imagem desse mundo original de muitas maneiras. No livro *Cabala*, de Henrique Cornélio Agrippa, já

---

<sup>6</sup> Bindel, E. *Die geistigen Grundlagen der Zahlen: Die Zahl im Spiegel der Kulturen. Elemente einer spirituellen Geometrie und Arithmetik* (Os fundamentos espirituais dos números: O número no espelho das culturas. Elementos de uma geometria e de uma aritmética espirituais). Stuttgart: Freies Geistesleben, 2003.

se podia ver, na Idade Média, a forma do corpo humano com os braços e as pernas abertos representando um pentagrama.

Somos chamados à liberdade! Como instrumento, possuímos um corpo que apresenta certa conformidade com as leis divinas e delas participam. Podemos ver isso, principalmente, nos membros que servem para a ação. Estamos seguindo o caminho do desenvolvimento da consciência.

Por meio do crescimento da consciência obtemos cada vez mais conhecimento, força, liberdade e autonomia. Assim, o indivíduo pode escolher entre dois modos de alcançar sua libertação. A quinta letra do alfabeto hebraico, “he”, significa cinco, e também janela. Uma ja-

nela possibilita olhar para dentro ou para fora, enquanto uma porta possibilita entrar ou sair. É pela janela que entra a luz, e é por ela que podemos ver algo do mundo lá fora.

O caminho que descrevemos até aqui, que vai do “um” ao “cinco”, compreende o início da evolução da consciência, as etapas de percepção, de crise, de decisão e, a partir daí, de compreensão e de ação sensata. Graças ao reconhecimento dos aspectos opostos e transitórios de toda a existência terrena, é possível haver aprofundamento e purificação no mundo material. Em seguida, o caminho interioriza-se e conduz para o interior, para o princípio espiritual do coração.

É assim que, do “quatro”, se eleva o “cinco”. Com base no conjunto de nossas experiências e das purificações que se seguem, reconhecemos os princípios da vida e, já na quinta fase, começamos a levar uma vida concreta e consciente de acordo com as leis espirituais. É assim que entramos na senda iniciática. Esse é o caminho do renascimento interior proveniente do Espírito, da centelha do Espírito do coração. Reconhecemos esse caminho nos símbolos da geometria original, especialmente no símbolo do pentagrama



# 6

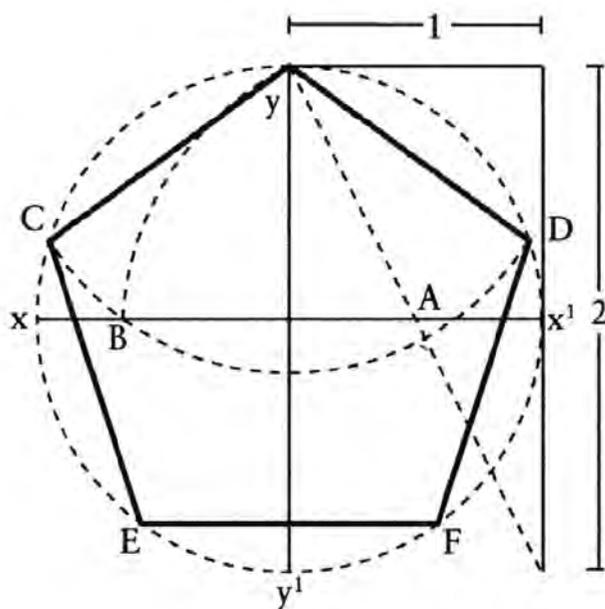
## O “SEIS”

Como acontece no ciclo “um-dois-três”, onde o “três” é a ligação entre os polos “um” e “dois” e ocasiona uma mudança de plano, do mesmo modo o “seis” provoca uma mudança de plano na relação entre o mundo material, concreto, com sua inconsciência espiritual (o “mundo do quatro”), de um lado, e o indivíduo que se tornou espiritualmente consciente (o “mundo do cinco”), do outro. O ciclo “quatro-cinco-seis” representa a criação visível. E o “seis” indica o mundo dos vivos – onde o “quatro” está ligado ao “cinco”. No Gênesis é dito que o primeiro par foi criado no sexto dia da criação, que então finalizou. Encontramos o “seis” na natureza de várias maneiras: no carbono, o elemento químico fundamental da vida orgânica, que ocupa o sexto lugar na tabela periódica dos elementos químicos; no benzeno, um importante composto orgânico, de fórmula química  $C_6H_6$ , que possui uma estrutura ressonante formada por um anel com seis átomos de carbono.

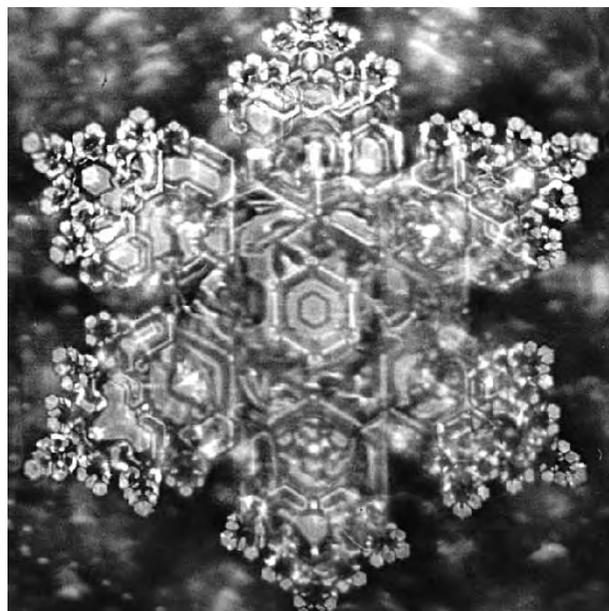
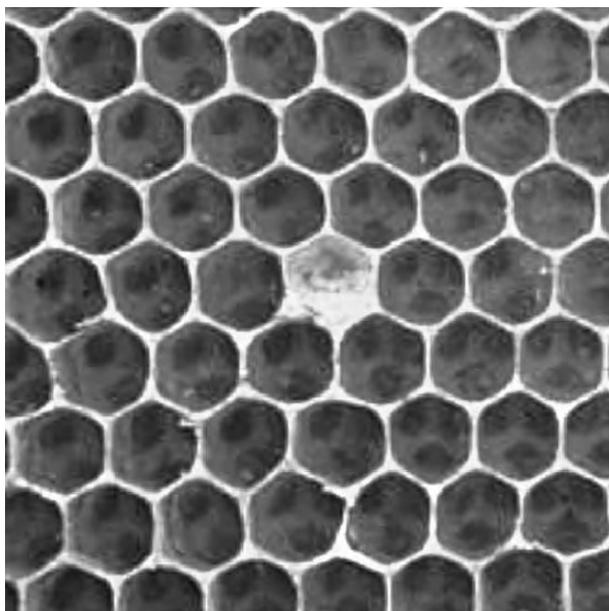
“O ser humano necessita do mundo criado como base de sua vida – o plano do quatro. Esse plano tem como fundamento a luz. O ‘quatro’ e o ‘cinco’, mediante o princípio do ‘seis’, tentam fundir-se um no outro.”<sup>7</sup>

A geometria nos conduz, em duas dimensões, à estrela de cinco pontas – a estrela de Davi,

que se apresenta sob a forma de dois triângulos que se entrecruzam próximo aos ápices. O triângulo descendente representa o Espírito no momento em que se torna visível. O triângulo ascendente é a imagem da matéria no momento em que se torna espiritual. Esses dois movimentos opostos mostram que eles constituem uma unidade. Também podemos observar claramente nessa estrela a necessária polaridade. No espaço tridimensional, o quatro é representado pelo hexaedro regular, o cubo. Quando o planificamos, ele forma uma cruz – indicando com isso que o fundamento da cruz é o quatro. O “seis” pertence à perfeição. É ele quem a introduz neste mundo. Os místicos e cabalistas judeus reconheciam isso ao darem o nome



<sup>7</sup> Stelzner, M. *Die Weltformel der Unsterblichkeit. Vom Sinn der Zahlen* (A fórmula universal da imortalidade. Do sentido dos números). Preußisch Oldendorf: VAP, 1996.



Tipareth (Beleza) à sexta sefirá.

O “seis” também é considerado um número perfeito, porque é igual a soma de todos os seus divisores ( $1+2+3=6$ ). O “seis” é o número da organização perfeita da matéria. Por exemplo: ele torna possível a construção de uma superfície sem lacunas ou falhas. É também o número da estrutura ideal: a natureza nos dá uma imagem disso na forma do favo de mel.

Existem, na natureza, muitos exemplos de unidade e perfeição que se tornaram possíveis graças à polaridade. Quando a água se precipita em forma de neve, formam-se flocos cristalinos com o formato de estrelas hexagonais, que se formam em torno de um núcleo (geralmente uma partícula de pó).

A polaridade e a dualidade jamais trazem em si a perfeição, mas podem conduzir a ela; é desse modo que a consciência recebe a capacidade de conceber a perfeição. O “seis” também é o número da energia sexual – uma energia que impele à unidade perfeita. Sua

finalidade é a união perfeita, não carnal, do homem e da mulher. Representa as núpcias alquímicas, a união da alma purificada com o Espírito eterno. Os contos e mitos falam sobre isso de várias maneiras. O ser humano faz uso da energia sexual de acordo com seu livre-arbítrio. Ou escolhe fora de si mesmo, pela aparência física, ou em um nível superior, pela intuição e pela força criadora do amor por tudo e por todos. O número “seis” nos ensina que crescimento, perfeição e unidade se manifestam quando adquirimos a capacidade e o poder de discernir.

Em sua plenitude, o “seis” representa a dissolução dos laços com a terra, a transposição da fronteira deste mundo. Assim, o ciclo “quatro-cinco-seis” é o caminho da purificação interior das percepções, dos sentimentos, vontades e atos. É por essa razão que precisamos intensificar nossa autodisciplina e nela permanecer. Assim, chegamos ao “sete”.

# 7

## O “SETE”

O “sete” marca a abertura da terceira tríade, o “sete-oito-nove”, que aqui resumiremos rapidamente. O “sete” é o número da perfeição, o número da transposição da fronteira, o início da consciência cósmica. Ele é a soma do “três” e do “quatro”, portanto, a soma da matéria e do Espírito.

Em geometria, não é possível construir um heptágono da maneira usual, com régua e compasso. Assim, o “sete” não pode ser traçado, uma vez que superfície e espaço desaparecem.

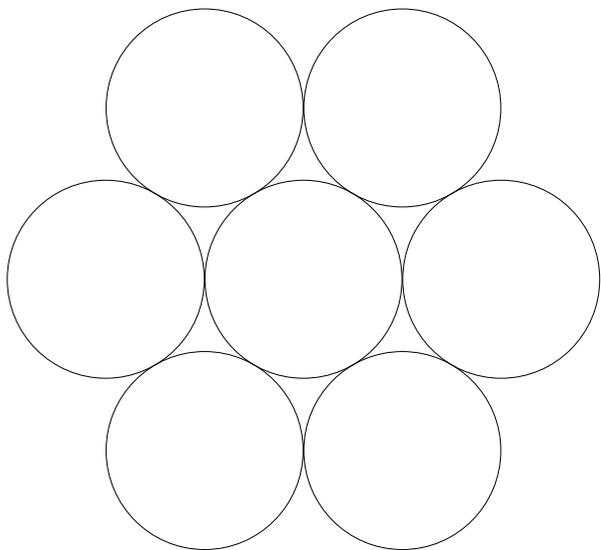
O “sete” é considerado um número sagrado (septos = sagrado). Tudo é organizado e estruturado segundo ele: o céu, a criação, a luz. O sétimo dia é sagrado. O “sete” também é o número do Apocalipse. É no Apocalipse que aparecem as sete comunidades ou igrejas, as sete trombetas, os sete selos e os sete espíritos de Deus.

Os sete raios e os sete portais da iniciação dizem respeito a alguém que se preparou interiormente para o despertar do elemento imortal e para receber a Luz. O sete é o número da mudança fundamental e da libertação. Há na terra sete cores, como imagens dos mensageiros divinos: o vermelho, o laranja, o amarelo, o verde, o azul, o índigo e o violeta. Todas essas cores estão compreendidas no branco, assim como as sete notas da escala musical – dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

Também conhecemos o ritmo do crescimento da vida humana em fases de sete anos. As células do corpo humano renovam-se comple-

tamente a cada sete anos. O “sete” também aparece nos contos de fada, que mencionam sete montanhas, sete vales, sete corvos... e há o conto “Branca de Neve e os sete anões”.

A geometria mostra a importância do “sete” de uma maneira lógica. Em um círculo, marquemos seis pontos equidistantes em sua circunferência e desenhemos, com centro em cada um desses pontos, seis círculos que se tangenciem em um único ponto. Se traçarmos um novo círculo com centro no primeiro e que tangencie cada um dos seis círculos traçados, esse sétimo círculo terá o mesmo diâmetro que os outros seis. Se considerarmos esses seis círculos como “o mundo do seis” (que sempre representa a perfeição), veremos que eles são, por assim dizer, sustentados pelo sétimo círculo (“o mundo do sete”). Então, fica evidente que o



# 8

# 9

# 10

sétimo círculo é gerado pelo “mundo do seis”, mas que ele representa o princípio sustentador do “seis”.

“Do cinco e do seis,  
assim diz a bruxa,  
faz sete e oito,  
e tudo está consumado.”<sup>3</sup> (Goethe, *Fausto*, Primeira parte)

O “OITO”

O “oito” – assim como o “sete”, seu polo oposto – também pertence à natureza imaterial. Ele representa novamente a polaridade, mas em um plano mais elevado.

$$8 = 2 \times 4 = 2^3$$

No caminho, a tensão do “dois” transforma-se e dissolve-se no “oito”. O divino original manifesta-se por meio da forma do “oito” (com o auxílio do “três”). O “oito” une a base mais profunda do inconsciente humano ao ápice mais elevado de seu espírito. As provas que o homem encontra no “oito” são as do poder – precisamente quando são despertadas forças supranaturais, que podemos utilizar de duas maneiras: ou esforçando-nos para atingir as alturas do Espírito, ou para cair na tentação do ocultismo. Tanto a língua holandesa quanto a alemã contêm muitos termos compostos com a palavra “oito” (acht), que quer dizer atenção, estima, respeito, consideração... Com o “oito” temos a responsabilidade de fazer com que as forças sempre crescentes da Luz cada vez mais

sejam utilizadas de maneira correta. O “oito” significa a profunda responsabilidade da realização da vida. É o número da ética, da pureza de intenções.

O “NOVE”

O “nove” traz consigo a vitória sobre a roda da vida e da morte e assinala a libertação definitiva. Ele é o resultado do longo caminho de purificação que vai da matéria até a ressurreição na vida eterna. “A tradição diz que o ‘tet’, a nona letra do alfabeto hebraico, é a matriz – portanto a região onde o novo princípio se desenvolve, cresce e finalmente surge. Os antigos entendiam que o ‘tet’ era não somente a matriz humana, mas, de forma geral, a escuridão, onde o novo é preparado para vir à luz.”<sup>5</sup>

“E nove é um,  
e dez é nenhum.”<sup>3</sup> (Goethe, *Fausto*, Primeira parte)

O “DEZ”

O dez é o símbolo da plenitude. Nele o “um” se liga ao “zero” e termina a sequência das cifras. Começando pelo “um”, essa sequência volta ao “um”, mas num plano superior. Por detrás do “um” se encontra a poderosa plenitude do Deus que está oculto (o círculo do zero), o qual se manifesta no “dez”. Com o dez surge um novo plano de vida, que é o começo de um novo ciclo. Como poderemos compreender a qualidade dos números? Neste artigo apenas fizemos um resumo desse tema. Se o leitor quiser realmente





Nesta gravura, Karl von Eckartshausen representa o mundo durante a Criação. Uma figura andrógina segura um feixe de luz. O sol representa a unidade, de onde tudo provém e para onde tudo retorna. A unidade (1) e Deus (0): as radiações do sol dividem-se em dez raios – a década sagrada de Pitágoras (ver p. 27), o número perfeito “dez”, que aponta para um novo ciclo. Depois do 1 está a poderosa plenitude do Deus que está oculto (0, ou o círculo), que se manifesta novamente. A mão esquerda mede com compasso o coração de uma criança: somente com simplicidade e com um coração puro podemos aproximar-nos desse conhecimento universal.

Eckartshausen, K. von. *Probeseologie, oder praktischer Theil der Zahlenlehre der Natur* (Estudo das provas, ou parte prática da aritmética da natureza). Graff: Leipzig, 1795.

#### Fontes:

Benedikt, H.E. *Die Kabbala als jüdisch-christlicher Einweihungsweg* (A cabala como caminho de iniciação judaico-cristão). Munique: Ansata, 2004.

Franz, M.-L. von. *Zahl und Zeit. Psychologische Überlegungen zu einer Annäherung von Tiefenpsychologie und Physik* (Número e tempo. Considerações psicológicas para uma aproximação da Psicologia Profunda e da Física). Berlin: Suhrkamp, 1982.

Hemenway, P. *Der geheime Code. Die rätselhafteste Formel, die Kunst, Natur und Wissenschaft bestimmt* (O código secreto. A fórmula misteriosa que determina arte, natureza e ciência). Colônia: Taschen Deutschland, 2008.

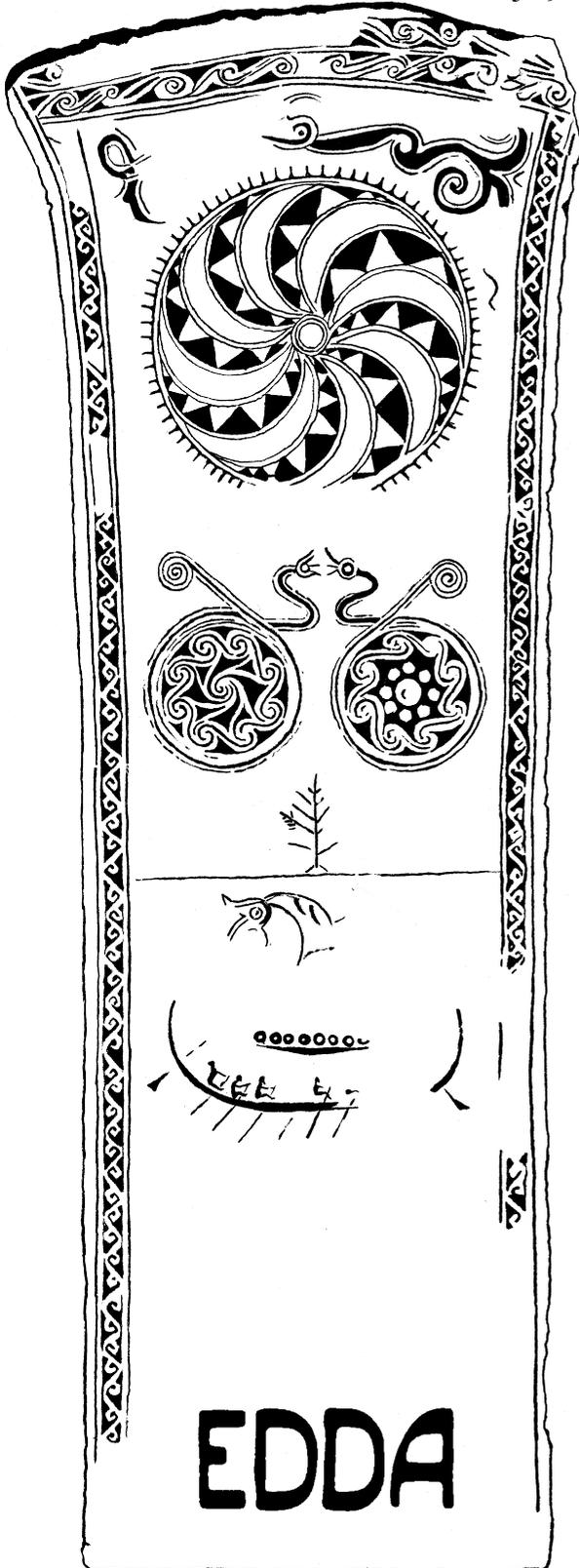
Schottler, P. et al. *Umstülpung und Übergang. Umstülp-Bewegungen als Übergänge zwischen polaren Qualitäten* (Inversão e transição. Movimentos de inversão como transições entre qualidades polares). Wuppertal: KulturatA e.V., s.d.

Umbach, R. *Vom Flug der Fische. Die Bibel kabbalistisch gelesen* (Do voo dos peixes. A Bíblia vista cabalisticamente). Stuttgart: Urachhaus, 2007.

Zettel, C. *Das Geheimnis der Zahl. Geheimlehre und Numerologie* (O segredo do número. Doutrina secreta e numerologia). Weyarn: Seehamer, 1998.

aprofundar-se em seus segredos, poderá consultar as formas geométricas fundamentais e os sólidos geométricos de Platão. Os números e os corpos e formas que deles se desenvolvem podem ajudar-nos a decifrar as leis da vida. A sabedoria que neles se oculta esclarece-nos os segredos do cosmo e dos ensinamentos dos sábios de muitos povos. Eles indicam-nos um caminho que nos permite compreender o sentido da vida e nossa missão como ser humano. Os números, as formas e os corpos querem contar-nos algo. Escutemos sua mensagem! ✪

*Inúmeros mitos foram-nos transmitidos por civilizações dos períodos mais diversos. Eles revelam concepções da antiga humanidade sobre o aparecimento do mundo, a atividade das forças naturais, os deuses, e sobre nosso destino após a morte.*



## o poder dos gigantes

“Lembro-me dos gigantes do princípio que em tempos longínquos me deram vida...”

*Völuspá* (A profecia da vidente), versículo 2

Os gigantes são imagens de forças da natureza que colaboraram para a formação do universo, da criação da terra e de tudo que vive e cresce. Eles são a expressão da força dos elementos, benfazeja, mas ao mesmo tempo violenta e ameaçadora.

Os homens imaginavam essa força como seres viventes e os chamavam de *jotunos* (gigantes) habitantes de *Jotunheim* (país dos gigantes). Os gigantes asseguravam o crescimento e a evolução através do ciclo eterno do nascimento e da morte.

As tribos germânicas temiam o “gigante da montanha”, que devorava tudo e não deixava tranquilos nem mesmo o sol e a lua. Assim, no inverno, nas latitudes do grande norte, o sol era ameaçado de ser completamente “engolido” pela noite, e os homens tinham medo de que seu sol espiritual desaparecesse.

O gigante “Rugmir” simbolizava a violência primitiva em estado bruto, a crueldade implacável, mas que Thor poderia vencer com seu martelo. O semideus Thor lutava com fogo, relâmpago e trovão até que a paz retornasse. Quando atirava seu martelo Mjölfnir (o que esmaga) nas forças selvagens e desencadeadas da natureza, ele as recolocava em ordem. Após um combate selvagem, as emoções acalmavam-se. O martelo de Thor nos faz lembrar das marteladas de nosso coração durante os grandes esforços, excitações e iras. Os Thursos eram os gigantes da “seca”, que faziam que todos os materiais secassem, e, de maneira demoníaca, roubavam da alma o seu alimento.

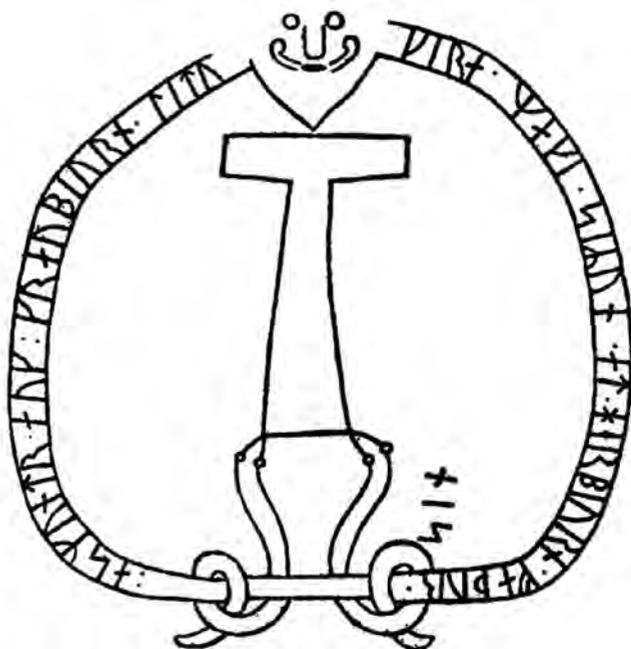
**AS FORÇAS TITÂNICAS: PERIGO E OPORTUNIDADE** Dos gigantes irradiou também um perigo: o perigo do crescimento desenfreado do mundo sensual, das atividades transbordantes dos instintos embrutecidos, da avidez insensata e do impulso excessivo de possuir bens. Essas tendências arriscavam dominar o ser espiritual do homem e romper seus laços com o mundo espiritual. Vemos isso descrito com ênfase nos mistérios nórdicos. E ainda mais fortemente em nossos dias. Na verdade, estamos ainda em luta constante com as forças provenientes da natureza. Suas formas e organizações colocam suas exigências tanto no exterior como no interior, e nessa luta é importante mostrar-se um “combatente corajoso”.

Quando, no Antigo Testamento, Davi tem de enfrentar o gigante Golias, é o conhecimento superior que se defronta com as paixões e a avidez egocêntricas, cada vez mais insistentes. Na Bíblia, as jovens forças da inteligência e da compreensão das responsabilidades são as mais fortes.

Os gigantes da mitologia grega são os Titãs, os semideuses nos quais as forças titânicas da matéria agem ao lado da onisciência divina. O Titã Prometeu quer estabelecer seu próprio reino contra a organização divina de Zeus. Ele trai o poder divino tentando roubar o fogo espiritual do conhecimento e da sabedoria. Assim, Prometeu é sacrificado e punido: ele é acorrentado a um rochedo no Cáucaso, símbolo do mundo material. Isso também significa sentir-se “acorrentado a um corpo de matéria grosseira como a uma rocha”. Ao contrário do homem de alma natural, um filho de Deus lembra-se com precisão de sua origem e de sua possibilidade de retorno ao divino. O destino dos povos e da personalidade individual é determinado por forças opostas. O ser humano é prisioneiro e deve aprender, pela experiência, a conviver com forças naturais e, mediante bom senso, mudar a situação a seu favor. Hoje, o ser humano está cada vez mais submetido a essas terríveis forças da natureza. Prisioneiro de sua percepção sensorial e manipulado pelas diferentes mídias, que sempre reforçam seus mais terríveis instintos, as forças da natureza transmitem-lhe avidez e

## Um Titã, um filho de Deus, lembra-se com precisão de sua origem e de sua possibilidade de retorno ao divino

ilusão, e se riem dele. Mas, o lado espiritual do ser humano força-o a reflexões sensatas, de modo que, percebendo todas as manobras do mal e que de fato “come do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”, ele termina por cansar-se, e um dia todas as suas tristes experiências se transformam em verdadeiro conhecimento: a Gnosis. Trata-se de um aspecto esclarecido por todas as religiões autênticas sob a forma de forças da verdade e da luz. Denominamos essa força-luz nas mitologias do ocidente de Cristo. A mitologia germânica personificou essa força sob a forma dos três deuses Heindall, Baldur e Vidar, sobre os quais falaremos em nosso próximo número ✪





## RESENHA DE LIVROS: AS “CONFERÊNCIAS DE AQUARIUS” DE J. VAN RIJCKENBORGH E CATHAROSE DE PETRI

# o apocalipse da nova era

Basta que a terra dê uma pequena tossidela para que as ligações fiquem desordenadas e os homens entrem em desespero. Basta que o silêncio seja perturbado por um grito, durante uma cerimônia comemorativa, para que o pânico comece. A grande e a pequena terra estão sob tensão... e isso se revela quando tocamos ou apenas levantamos uma ponta de “seu véu”.

**V**ivemos em um crescente campo de tensão que anuncia o fim de uma era. Para a maior parte dos homens de nosso tempo, isso significa uma situação que se assemelha ao fim do mundo.

A palavra apocalipse vem do grego e significa revelação: a revelação divina ou “o levantar do véu”. Um apocalipse (na terminologia da literatura judaico-cristã primitiva) é uma revelação dos desenvolvimentos e acontecimentos que estão por vir, de tudo o que foi oferecido por Deus a um profeta ou a um discípulo escolhido. Por volta de 1830, Gottfried Lübcke usou esta palavra ao descrever o livro do Apocalipse do Novo Testamento.

Não é somente o Livro das Revelações que menciona o que irá acontecer (fatos que geralmente são desvelados sob a forma de sonhos ou de visões), mas também inúmeros livros da Bíblia hebraica, chamados pelo mundo cristão

de Antigo Testamento, assim como os livros apócrifos, o Livro de Enoque. Na mística cristã, praticamente não há exemplo de um verdadeiro apocalipse no qual o auxílio dos anjos que transmitem a mensagem não esteja em primeiro plano.

Além dos eventuais aspectos históricos da Antiguidade, a máscara é geralmente espessa e a realidade somente é acessível aos que sabem ler tanto o passado quanto o futuro na memória da natureza. O desvelamento pode referir-se tanto a aspectos e processos esotéricos quanto exotéricos. Para o homem comum, o apocalipse é um acontecimento exterior. Para o homem que está buscando a renovação interior, ele se refere ao futuro espiritual e à renovação

**OS GRÃO-MESTRES E A NOVA ERA** A fim de transmitir o que a Fraternidade lhes pedia para que comunicassem, Jan van Rijckenborgh e

Catharose de Petri organizaram, na década de 1960, cinco conferências internacionais excepcionais (publicadas mais tarde com o título de *O apocalipse da nova era*). Durante essas conferências, eles informaram e prepararam seus alunos para o que iria acontecer no campo mundial.

### **A VESTE-DE-LUZ DO NOVO HOMEM**

1963 RENOVA, HOLANDA

Em 1963, eles afirmaram que um novo campo de radiação intercósmica estava entrando no mundo com intensidade e força expansivas suficientes para gerar consequências consideráveis sobre o mundo e a humanidade, principalmente se os homens não reagissem a ele positivamente. Imediatamente eles colocaram o grupo de alunos diante da urgente missão de preparar o corpo de luz (nossa veste da alma, com todos os seus fluidos e sua consciência), diante da grandiosa e extraordinária missão de portadores da alma eterna, da veste áurea nupcial. Os grão-mestres baseavam-se no fato de que é possível tecer essa veste áurea nupcial por meio de uma atitude de vida pura, mantida perseverantemente, na qual a mônada, o espírito, é ligada cada vez mais forte e firmemente com a pura veste-de-luz. Eles consideram essa ligação como uma chave para o início da elevação – uma chave que determina o futuro fundamentado em duas novas propriedades que o homem adquire por meio da efusão do sangue e, portanto, da completa dedicação ao serviço em prol da humanidade. A primeira é a libertação da veste-de-luz da veste material e de certas leis da natureza

– o que traz como consequência a segunda propriedade: a libertação do mundo tridimensional. Nesse processo, quem recebe a mônada no círculo ígneo da pineal sentirá o efeito em sua veste-de-luz e falará imediatamente outra língua, que o Espírito lhe concederá, como diz a Bíblia.

A revelação do Espírito é a ideia fundamental dessa primeira Conferência de *Aquarius*. É Deus que se revela na veste-de-luz, como indica o símbolo do templo principal de Haarlem, na Holanda.

### **A FRATERNIDADE MUNDIAL DA ROSA-CRUZ 1964, CALW, ALEMANHA**

Em 1964, os grão-mestres colocaram seus alunos diante de uma senda óctupla: o quadrado da preparação e o quadrado da construção. Durante essa conferência, a manifestação e a natureza da nova fraternidade mundial foram expostas, a saber:

- a ideia da demolição
- a ideia da realização, com o objetivo de enviar todos os esforços para salvar o mundo e a humanidade da decadência que certamente viria.

Indicaram que, agora que a humanidade entra, depois de um ano estelar, na Era do Aquadeiro (Aquário) a colheita dos séculos deve ser colocada no celeiro.

De início, descreveram a imagem de um mundo que chegou a um impasse em todas as áreas: educação, transporte, energia, poluição do ar, da água e do solo, experiências científicas,



poluição nuclear, alimentação, a desnaturação do ser humano, dos animais e das plantas, a degeneração psíquica etc. Nossa realidade atual é ainda pior!

De acordo com os grão-mestres, a humanidade está totalmente à deriva: a causa disso é a ignorância... mas como podemos censurar um ignorante? Em seguida, explicaram como a humanidade, continuando a reagir de maneira degenerativa, terá, em determinado momento, o seu curso bloqueado naturalmente. Uma vez que o campo de respiração da humanidade deverá ser totalmente regenerado, provavelmente será necessário tomar medidas drásticas. Nesse momento, alguns seres humanos poderão ser transferidos temporariamente para outros estados de consciência. Em seguida, a humanidade inteira será conduzida para uma vida totalmente nova, original, com missões nas quais estará em primeiro plano o objetivo essencial: o aspecto espiritual da vida.

### **OS SINAIS PODEROSOS DO CONSELHO DE DEUS 1965 BAD MÜNDER, ALEMANHA**

Durante a conferência realizada em 1965, Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri explicaram as palavras veladas e proféticas do capítulo 21 do Apocalipse:

“... e eu vi um novo céu e uma nova terra.”

Com base nessa citação, fizeram alusão, principalmente, ao trabalho dos planetas dos mistérios: Urano, que influencia o coração; Netuno, que influencia a cabeça; e Plutão, que oferece uma nova força de ação. Além desses planetas

mais conhecidos atualmente, citaram três ou quatro desconhecidos que, juntos, formam os sete aspectos do novo homem.<sup>1</sup>

Em Bad Munder, o tema da atividade de Plutão foi desenvolvido da seguinte maneira: o terceiro planeta dos mistérios ocupa uma posição-chave que transformará o aspecto do mundo e de toda a humanidade, conduzindo-a a uma ressurreição ou a uma desnaturação. O homem será impelido a esse grande conflito vital a fim de consumir sua autorrealização e, dessa forma, tornar possível a regeneração.

Essa luta, marcada por um desejo puro, provoca o nascimento da luz: a entidade mortal é transformada em entidade imortal. Ao envolver todos os seres humanos, Plutão os elevará para além de seus limites e os conduzirá, sob a influência da graça, a um novo estado de ser. Poderíamos descrever esse fato como um salto quântico. Os que estão dispostos e preparados entrarão em uma nova vida, na qual transformarão sua descida rumo ao nadir (o ponto mais baixo do desenvolvimento na matéria) em um processo de elevação.

### **A SENDA LIBERTADORA DA ROSA-CRUZ**

1966 BASILEIA, SUÍÇA

Em 1966, os grão-mestres colocaram seus

<sup>1</sup> Nota: Segundo os membros da União Astronômica Internacional, reunidos em Praga, na República Tcheca, decidiu-se que Plutão já não será considerado um planeta, por ele não ser dominante em sua zona orbital e também pela forma pouco convencional de sua órbita cuja inclinação não é paralela à Terra e a dos outros sete planetas do Sistema Solar.



**Livros sobre as Conferências de *Aquarius* em Renova (1963), Calw (1964), Bad Münder (1965), Basileia (1966) e Toulouse (1967).**

alunos diante da razão e do objetivo do desenvolvimento do intelecto humano no passado, e diante da necessidade de conquistar um verdadeiro poder mental no presente. Eles afirmaram que o desenvolvimento intelectual, por si só, levado ao extremo, leva a algumas formas de demência.

Os seres humanos precisam chegar a adquirir o poder do verdadeiro pensamento e da compreensão real por meio da purificação do coração (isto é, uma purificação do sangue mediante a qual o cérebro, o córtex cerebral e certos órgãos latentes do santuário da cabeça poderão realizar seu trabalho real). Graças a isso, em determinado momento e em cada pessoa, a ordem da natureza será substituída pela ordem espiritual. Os grão-mestres afirmaram que, por meio de uma intervenção intercósmica e pela mudança de valores e propriedades atômicas, a humanidade amadurecida, que chegou ao seu limite, depois de ser libertada de seu adversário interno, poderá ir ao encontro da ordem espiritual da renovação.

#### **O NOVO CADUCEU** 1967 TOULOUSE, FRANÇA

Durante a última Conferência de *Aquarius*, em 1967, realizada também no mesmo ano no Brasil, os grão-mestres descreveram a maneira pela qual a humanidade está sendo freada, em seu caminho de degeneração, pelas atividades purificadoras, corretivas, reparadoras e construtivas das nebulosas de Cisne e Serpentário (*Cygnus* e *Serpentarius*). Eles explicaram como o triplo

sistema do fogo serpentino precisa ser restabelecido, e como a decadência no rio da vida – provocada pela árvore do conhecimento do bem e do mal – deve ser invertida para tornar-se uma ascensão, sob a direção das forças da árvore da vida. Para o verdadeiro rosa-cruz, isso significa “acender a sexta chama do candelabro” na cabeça, onde está localizada a glândula pineal. É a entrada em um novo processo vital. Para concluir, os grão-mestres descreveram uma imagem apocalíptica moderna das transformações que deverão intervir na crosta terrestre e também acima e abaixo dela, assim como transformações que ocorrerão com os habitantes dos diversos estratos e suas características. Eles também mencionaram o início de novos intercâmbios intercósmicos e um novo ensinamento para a humanidade. Nesse livro, encontramos também um apanhado geral sobre todos os grupos humanos que poderão ser salvos.

#### **A FRATERNIDADE MUNDIAL NO ANO 2010**

O tempo não parou depois das Conferências de *Aquarius*. Muitas coisas foram reveladas sob uma luz diferente. Outras puderam ser verificadas plenamente, ainda que nem todos tivessem a mesma ideia sobre o assunto. Na verdade, tudo depende da capacidade de cada um para distinguir as sutilezas. Atualmente, cada vez mais, o tempo tem-se mostrado um fator de múltiplas variáveis, para um número cada vez maior de seres humanos e, sobretudo, para a ciência. Há fatos que podem ter acontecido ou ainda podem acontecer, dependendo de novos

## Os grão-mestres tinham certeza de que os alunos deveriam passar por etapas temporárias de duração precisa

fenômenos desconhecidos e das alterações a que eles induzem. A esse respeito, nós nos referimos apenas às mudanças cíclicas nas propriedades dos átomos e das células. A ciência dessas coisas é mantida em segredo ou oculta, ou aparentemente perdida. Mas, na verdade, nada se perde, tudo permanece acessível, e a consciência humana está ficando cada vez mais receptiva a esses fenômenos. Assim, em nosso tempo, o Apocalipse está sujeito a muita especulação (por exemplo, pareceres sobre 2001 e 2012). Isso afeta muito a imaginação das massas, mas realmente apenas tem importância secundária.

Em *Chamados pelo coração do mundo*,<sup>2</sup> que podemos considerar como um documento representativo de nossa época, lemos: “Por toda parte, a religião libertadora de Hermes (que se manteve oculta e foi acusada de heresia durante séculos) encontrou abrigo favorável e trouxe como consequência inúmeras iniciativas. Em mais de duzentos centros que pertencem a quarenta campos de trabalho, vinte mil alunos e membros da Escola espiritual se reúnem regularmente. É aí que eles podem manter um contato puro e direto com o campo espiritual, a “*Casa Sancti Spiritus*”, a morada do Espírito Santo. É assim que se dá o encontro de todas as almas individuais

com o nível vibratório que opera na Escola Espiritual de forma concentrada. Além disso, a Fraternidade mundial sétupla da Rosa-Cruz faz um esforço considerável, desenvolvendo iniciativas de diversos níveis, para levar os diferentes aspectos de seu ensinamento ao público buscador. Em diversos locais da Europa foram criados centros de seminários internacionais. Neles, as pessoas podem estudar os impulsos relacionados à orientação espiritual libertadora. Outros obreiros, durante o ano todo, promovem palestras, encontros temáticos e cursos sobre a Rosa-Cruz e a Gnosis a centenas de buscadores interessados. [...] Em todas as partes do mundo, o buscador pode encontrar uma visão coerente do trabalho da Fraternidade mundial sétupla, da Escola espiritual e de sua força propulsora.” Em sua época, os grão-mestres pressionaram seus alunos. Faziam isso com a única intenção de tornar possível a abertura espiritual no presente absoluto. Como diz o Evangelho da Verdade: “O conhecimento faz com que a ignorância desapareça, como a luz faz desaparecer as trevas”. E essa realização se torna possível quando o aluno coloca em prática a magia gnóstica, pela aplicação concreta dos éteres sagrados em sua vida cotidiana – esses materiais de construção do universo original, que elevam a humanidade rumo a outro nível de consciência e de vida. Assim, a resposta estava nas mãos do homem – e ainda está. Ela depende de cada um de nós, cada qual em seu ritmo de evolução.

Mas todos precisam saber que “para Deus, mil anos são como um dia” ☸

**2 Nota:** Livro de Peter Huijs (*Geroepen door het Wereldhart*) e título de um simpósio realizado em 23 de maio de 2009, em Bilthoven (Holanda), no Centro de Conferências Renova. Nessa ocasião, sete conferencistas de sete organizações diversas se reuniram para lançar um apelo urgente à sociedade e para falar, em conjunto, a respeito das profundas mudanças que acontecerão. Cf. Revista Pentagrama número 1, jan./fev. 2010.



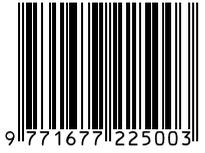
## O APOCALIPSE DA NOVA ERA

*J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri*

A obra *O apocalipse da nova era* é composta por cinco volumes com o conteúdo integral das Conferências de *Aquarius*, realizadas na Europa na década de 1960 pelos fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea:

1. A veste-de-luz do novo homem
2. A Fraternidade Mundial da Rosa-Cruz
3. Os sinais poderosos do conselho de Deus
4. A senda libertadora da Rosa-Cruz
5. O novo caduceu





A sabedoria onipresente é uma radiação, uma vibração, uma força de luz universal, uma força eletromagnética de natureza muito especial. É a mais alta radiação da manifestação do Universo, radiação do próprio Espírito. Quando a consciência hermética está começando a surgir num homem, essa radiação se torna instantaneamente experimentada e provada por essa consciência. Então, um foco, um ponto de contato luminoso e ofuscante, se estabelece entre o campo universal do Espírito e o homem hermético; é o ponto, o foco onde o espírito e a consciência se defrontam. O espírito desse foco é Pimandro, é a consciência de Hermes. Da referida ação do foco resulta o caminhar com Deus, o diálogo, o contato vivo entre Deus e o homem.

J. van Rijckenborgh

